

TRABALHOS
DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOLUME XXII — FASC. 2
SUBSIDIADO PELO INSTITUTO DE ALTA CULTURA



PORTO — 1973

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORRÊA» — Faculdade de Ciências



Jazida paleolítica de Mato de Miranda

POR

G. Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira,
M. Leitão e C. T. North ⁽¹⁾

Situação

A referida jazida paleolítica foi descoberta em 1968 por dois dos signatários do presente trabalho (G. Z. e O. V. F.) no decurso dos levantamentos geológicos da folha 29-C (Torres Novas) na escala de 1/50 000.

Os dois outros signatários do mesmo trabalho (M. L. e C. T. N.) voltaram mais tarde ao mesmo local encontrando mais peças e completando assim a recolha de material realizada anteriormente.

O material paleolítico foi encontrado a cerca de 400 m NW do apeadeiro de Mato de Miranda dos dois lados da estrada de ligação à povoação de Cazével.

Do ponto de vista geológico, trata-se, no local referido, dos restos de um baixo terraço do Tirreniano II constituído por areias argilosas avermelhadas e acastanhadas com seixos. Na base da formação observa-se uma camada com seixos e calhaus grados.

A maior parte do material foi encontrado na superfície do terraço, bem como num vale de orientação NW-SE que limita o referido terraço do lado W.

(1) Dr. G. Zbyszewski, Serviços Geológicos, rua da Academia das Ciências, 19-2.º, Lisboa; Dr. O. da Veiga Ferreira — id-id —; Dr. M. Leitão, Av. Miguel Bombarda, 8-A, Oeiras; Eng.º C. T. North, Av. Heliodoro Salgado, 6-B, Santo Amaro (Oeiras).

Algumas peças foram colhidas in situ nos saibros e nas cascalheiras exploradas num areeiro situado a sul da estrada.

Material pré-histórico encontrado

Foi dividido em V séries sucessivas:

Série I — Abbevilense — Peça muito rolada, com coloração castanha

Está representado por uma única peça, um seixo raspador achatado com superfície primitiva do seixo ocupando a totalidade do reverso bem como a metade direita do anverso. Bordo esquerdo do anverso trabalhado por uma lasca côncava central e por outra mais pequena na parte inferior.

Parte superior do mesmo bordo de clivagem, formando com o negativo central um ângulo superior a 90°. O gume de forma subtrapezoidal apresenta indícios de utilização prolongada. Dimensões: 113 mm × 67 mm × 43 mm. (Est. I, fig. 5).

Série II — Abbevilense e Acheulense antigo — Peças com forte patina eólica e por vezes ligeiro rolamento ulterior. Coloração castanha pronunciada

Seixos trabalhados em uma das extremidades

— Três seixos trabalhados em uma das extremidades por talhe unifacial, por meio de uma ou mais lascas mais ou menos inclinadas conforme os exemplares. Dimensões respectivas:

92 mm × 97 mm × 41 mm (Est. I, fig. 2)

99 mm × 80 mm × 53 mm

99 mm × 71 mm × 51 mm

Núcleos

— Um núcleo poliédrico de tipo abbevilense com vestígios de superfície primitiva de seixo no reverso. O resto daquela face

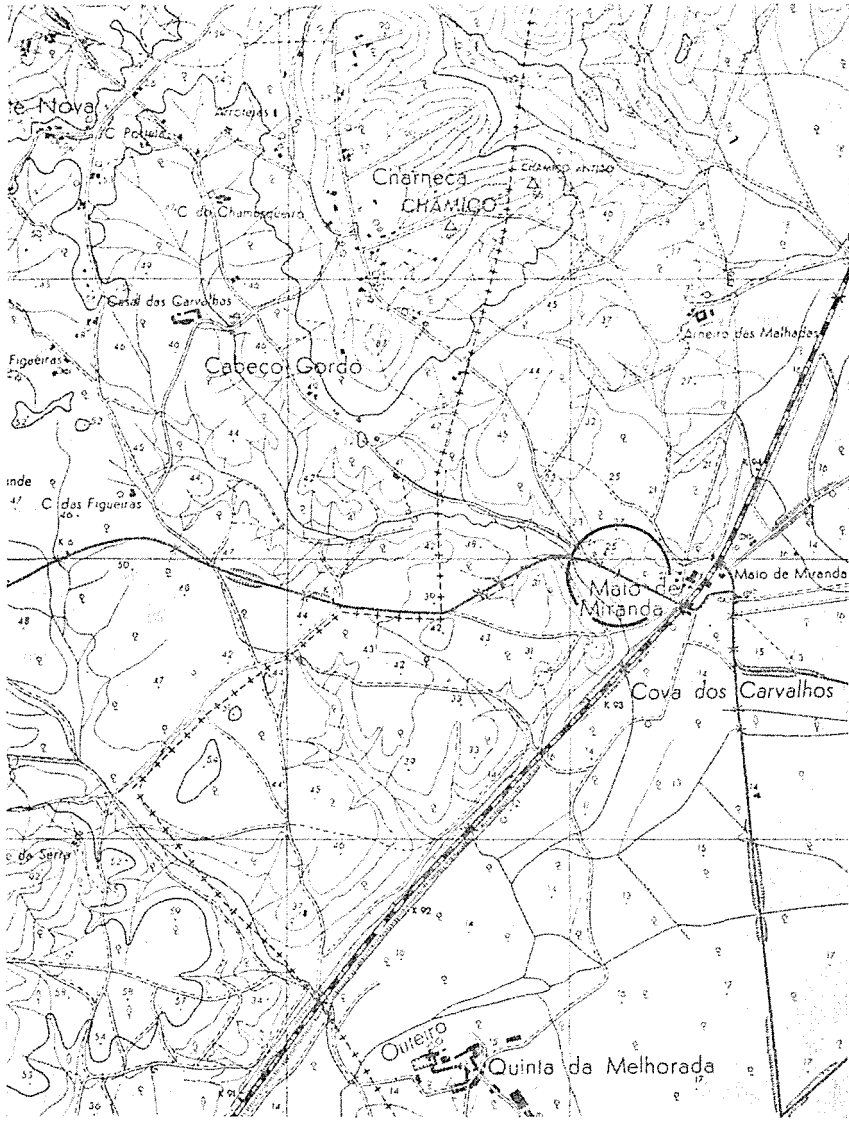


Fig. 1 — O local das colheitas

apresenta dois negativos largos e côncavos ocupando dois bordos laterais e três outros negativos mais pequenos e menos inclinados, ocupando outro bordo. Anverso apresentando 5 negativos de lascas largas e côncavas. Dimensões: 153 mm \times 108 mm \times 84 mm. (Est. I, fig. 4).

Série IIIa — Acheulense médio — Peças com patina eólica bem marcada e, em certos casos, com ligeiro rolamento

Seixos respadores

— Uma plaqueta de quartzito acinzentado achatada, de forma subtriangular. Superfície primitiva de seixo de coloração castanha, conservada na metade do reverso. O resto daquela face, bem como a maior parte do anverso apresentam superfícies de clivagem. O conjunto da peça apresenta indícios de rolamento posterior à acção cólica. Bordo direito do anverso, formando uma ponta triangular central limitada, na parte superior, por uma faceta abrupta com superfície primitiva de seixo e na parte inferior uma truncatura de clivagem também abrupta. Bordo esquerdo formando um gume largo e convexo, adelgado na parte central por 3 pequenos negativos de lascas imbricadas. Indícios de utilização prolongada.

Este objecto, embora rolado, é mais moderno de que a série com patina castanha. Dimensões: 115 mm \times 98 mm \times 36 mm (Est. I, fig. 3).

Calottes de seixo

— Uma pequena calote de seixo de quartzito cinzento com forte patina eólica. Base de superfície primitiva do seixo. Parte superior apresentando 4 negativos de pequenas lascas sub-horizontais. Dimensões: 52 mm \times 45 mm \times 35 mm (Est. II, fig. 8).

Lascas

— Cinco lascas, das quais 3 utilizadas como raspadores e apresentando vestígios da superfície primitiva do seixo numa das faces. Dimensões respectivas:

100 mm × 73 mm × 29 mm (Est. II, fig. 9)

107 mm × 69 mm × 32 mm

75 mm × 65 mm × 28 mm

— Uma lasca residual de técnica clactonense. Dimensões: 93 mm × 67 mm × 28 mm.

Dimensões de uma outra mais pequena: 63 mm × 48 mm × 21 mm.

Série IIIb — Acheulense médio — Peças com patina eólica menos pronunciada embora nítida

Coups-de-poing

— Um biface cordiforme com superfície primitiva de seixo conservada na parte inferior do anverso. O resto daquela face é trabalhado de 3 lascas principais largas e inclinadas tiradas da parte superior dos dois bordos laterais e da extremidade superior afeiçoada em gume rectilíneo. Parte inferior do bordo esquerdo mutilado por clivagens. Reverso de plano de separação apresentando uma truncatura alongada subvertical na parte superior do bordo esquerdo e duas na base do bordo direito, devidas às clivagens. Dimensões: 118 mm × 95 mm × 48 mm (Est. II, fig. 7).

— Um seixo trabalhado por talhe unifacial aparentado aos coups-de-poing.

Reverso de superfície primitiva de seixo percorrido por uma saliência longitudinal central. Anverso com superfície primitiva

ocupando a metade inferior. Metade superior e bordo esquerdo daquela face trabalhados de uma série de lascas mais ou menos inclinadas, por vezes irregulares devido aos defeitos da rocha. Dimensões: 106 mm × 91 mm × 61 mm (Est. I, fig. 1).

Seixos trabalhados em uma das extremidades

— Um calhau estreito e alongado trabalhado em uma das extremidades por talhe unifacial de uma série de lascas inclinadas pequenas e imbricadas realizando um gume alongado fortemente convexo na parte superior. Dimensões: 184 mm × 83 mm × 67 mm (Est. III, fig. 17).

— Um seixo trabalhado em uma das extremidades por talhe unifacial realizado por 2 negativos de lascas inclinadas separadas por uma aresta inclinada. Gume subrectilíneo, ligeiramente convexo. Dimensões: 100 mm × 98 mm × 46 mm (Est. III, fig. 14).

— Um calhau truncado transversalmente por uma clivagem. Um dos bordos da truncatura trabalhado por uma série de lascas formando escamas imbricadas e afeiçoando um gume a modo de uma raspadeira nucleiforme que apresenta indícios de utilização. Dimensões: 100 mm × 101 mm × 71 mm.

Seixos raspadores

— Um pequeno seixo raspador achatado trabalhado por talhe unifacial em um dos bordos compridos por algumas lascas inclinadas e em parte disfarçadas pelas clivagens da rocha. Dimensões: 93 mm × 60 mm × 28 mm.

Núcleos

— Um seixo de grande tamanho de trabalho bifacial. Reverso com superfície primitiva ocupando os 3/4 daquela face. Parte

superior do reverso apresentando um extenso negativo de lasca. Anverso com superfície primitiva ocupando a metade inferior. Metade superior da mesma face mostrando 2 negativos de lascas, um muito largo (117 mm) e outro mais pequeno a esquerda. Gume ligeiramente côncavo inclinado da esquerda para a direita e apresentando indícios de utilização (Est. III, fig. 16). Dimensões: 214 mm × 160 mm × 120 mm.

— Metade de seixo com superfície primitiva ocupando a parte inferior.

Parte superior trabalhada por 4 lascas sub-horizontais. Uma faceta de fractura térmica ocupa um dos bordos daquele objecto. Outro bordo apresenta indícios de utilização. Dimensões: 128 mm × 120 mm × 55 mm (Est. II, fig. 11).

Lascas

— Seis lascas residuais atípicas sem retoques, mas algumas com indícios de utilização como raspadores em um ou dois bordos. Dimensões da maior: 95 mm × 81 mm × 15 mm; Dimensões da mais pequena: 63 mm × 52 mm × 12 mm.

Série IV — Acheulense superior com ligeira patina eólica

Coups-de-poing

— Um pequeno biface subblosangular com superfície primitiva de seixo conservada na metade esquerda do anverso. Metade direita da mesma face trabalhada por duas lascas muito inclinadas realizando um gume convexo. Reverso inteiramente trabalhado por lascas curtas sub-horizontais tiradas da periferia em direcção ao centro. Trata-se mais de um pequeno biface do que de um seixo raspador. Bordo lateral direito em ziguezague com indícios de utilização. Dimensões: 82 mm × 50 mm × 33 mm (Est. III, fig. 12).

— Um coup-de-poing uniface com reverso de plano de separação. Anverso ocupado, na sua maior parte, pela superfície primitiva do seixo. Trabalhado ao longo do bordo direito por duas lascas principais maiores e outra mais pequena de regularização. Parte superior do bordo esquerdo afeiçoada em gume ligeiramente côncavo por 2 pequenos negativos de lascas curtas. Dimensões: 157 mm × 94 mm × 50 mm.

Núcleos

— Um núcleo mustierense poliédrico com 5 planos de percussão preparados no reverso, cuja parte central é de superfície primitiva de seixo. Anverso trabalhado de lascas sub-horizontais ou pouco inclinadas a partir dos bordos em direcção ao centro. Dimensões: 63 mm × 53 mm × 55 mm (Est. III, fig. 15).

Lâminas

— Uma lâmina achatada com reverso de plano de separação. Plano de percussão liso e bolbo na base. Anverso trabalhado de 5 lascas sub-horizontais. Bordo lateral direito denticulado por alguns retoques. Dimensões: 67 mm × 36 mm × 13 mm.

Lascas

— Uma lasca apresentando 3 ou 4 pequenos retoques na parte superior do anverso para servir de raspadeira. Reverso de clivagem. Anverso de plano de separação com vestígios de bolbo na parte superior. Bordo direito de superfície primitiva de seixo. Dimensões: 65 mm × 51 mm × 22 mm.

— Metade de um seixo com reverso de superfície primitiva. Anverso de plano de separação com plano de percussão de superfície primitiva e bolbo no bordo direito. Bordo esquerdo formando

um gume convexo com indícios de utilização. Dimensões: 97 mm × 75 mm × 33 mm.

— Dez lascas residuais diversas sendo 2 de técnica tayacense. Dimensões da maior: 85 mm × 68 mm × 14 mm; Dimensões da mais pequena: 47 mm × 40 mm × 15 mm.

Algumas lascas apresentam sinais de utilização.

Série V — Mustiero — languedocense com arestas vivas e sem patina

Seixos trabalhados em uma das extremidades

— Um seixo de quartzito cinzento escuro com manchas negras de óxidos de manganês, trabalhado em uma das extremidades por diversas lascas subverticais ou muito inclinadas, umas curtas outras maiores, bastante irregulares devido à existência de clivagens. Superfície primitiva de seixo ocupando o reverso bem como os 3/4 do anverso. Dimensões: 93 mm × 73 mm × 45 mm.

Raspadores subdiscoidais

— Um seixo achatado truncado transversalmente em um dos bordos. Trabalhado por talhe unifacial em mais de metade da periferia por quatro negativos de lascas tiradas a partir dos bordos em direcção ao centro ocupado por uma superfície térmica antiga irregular. Reverso de superfície primitiva de seixo. O aspecto geral do exemplar recorda o trabalho dos discos languedocenses. Dimensões: 77 mm × 88 mm × 33 mm (Est. II, fig. 10).

— Um raspador mais espesso sobre calote de seixo com superfície primitiva ocupando a base e o bordo direito do anverso. O resto do anverso trabalhado por uma série de lascas mais ou menos inclinadas realizando um gume irregular no bordo esquerdo. Reverso apresentando um negativo de lasca provavelmente accidental. Dimensões: 92 mm × 68 mm × 53 mm (Est. II, fig. 6).

— Uma plaqueta de seixo de quartzito com reverso de superfície primitiva de seixo, cortada num dos bordos por uma lasca accidental. Anverso de plano de clivagem ocupando a parte central. Bordos truncados irregularmente por lascas inclinadas de regularização, das quais as do bordo acidentado foram desviadas pelas clivagens da rocha. Dimensões: 100 mm \times 108 mm \times 31 mm.

Núcleos

— Um núcleo mustierense oval alongado com superfície primitiva de seixo ocupando o reverso com excepção de 4 a 5 lascas curtas pouco inclinadas. Anverso trabalhado por uma série de lascas tiradas a partir dos bordos em direcção ao centro percorrido por uma aresta longitudinal central. Dimensões: 67 mm \times 47 mm \times 23 mm (Est. III, fig. 13).

— Um fragmento de núcleo poliédrico com superfície primitiva de seixo conservada numa das faces e superfície de clivagem numa outra. O resto do exemplar trabalhado por uma série de lascas irregulares. Dimensões: 54 mm \times 45 mm \times 34 mm.

Lascas retocadas

— Uma lasca apresentando alguns retoques em um dos bordos, de modo a afeiçãoar um pequeno bico pouco pronunciado. Dimensões: 60 mm \times 47 mm \times 21 mm.

Lascas sem retoques

Quatro lascas residuais das quais uma com plano de percussão preparado. Dimensões: 50 mm \times 34 mm \times 13 mm. Dimensões da lasca maior: 54 mm \times 48 mm \times 27 mm. Dimensões da lasca mais pequena: 40 mm \times 30 mm \times 10 mm.

Conclusões

Considerando a tipologia das várias peças encontradas e relacionando-a com as várias séries é possível estabelecer o seguinte quadro estatístico

Objectos encontrados	Séries					
	I	II	IIIa	IIIb	IV	v
Bifaces cordiformes				1		
Bifaces sublosangulares					1	
Unifaces					1	
Objectos aparentados aos coups-de-poing				1		
Seixos truncados em uma das extremidades por talhe bifacial		3				
Seixos truncados em uma das extremidades por talhe unifacial				2		
Seixos raspadores	1		1	1		1
Raspadores subdiscoidais						3
Núcleos poliédricos		1				1
Núcleos mustierenses					1	1
Calotes de seixo			1			
Núcleos diversos				2		
Laminas					1	
Lascas retocadas					1	1
Lascas clactonenses			1			
Lascas tayacenses					2	
Lascas mustierenses						1
Lascas residuais diversas			5	6	9	2
Totais	1	4	8	13	16	10

Pelo quadro anterior verifica-se que a totalidade dos coups-de-poing e dos objectos aparentados (4) se encontram concentrados nas séries IIIb e IV as quais correspondem ao Acheulense médio e superior. Uma lasca de técnica clactonense situa-se na série IIIa do Acheulense antigo.

Os núcleos mustierenses com planos de percussão preparados situam-se nas séries IV e v e uma lasca mustierense aparece na série IV.

Finalmente os raspadores subdiscoidais lembrando pela técnica os objectos do mesmo tipo conhecidos no Languedocense da margem esquerda do Tejo estão concentrados na série v.

Para concluir poderemos dizer que as séries I e II correspondem a um conjunto abbevilense e acheulense. As séries IIIa, IIIb e IV representam três fases sucessivas do Acheulense contendo na parte final um elemento tipicamente mustierense. A série V representa um mustierense com elementos apresentando planos de percussão preparados em associação com raspadores subdiscoidais pertencentes à época de passagem entre Acheulense superior e mustierense e apresentando por vezes a técnica languedocense.

A jazida paleolítica que acabamos de descrever, apresenta semelhanças com as jazidas do mesmo tipo anteriormente referidas em áreas próximas ou sejam as de Chamiço e de Martim Ladrão situadas mais a Oeste numa zona de terraços mais altos, também da região de Mato de Miranda.

Résumé

La station paléolithique de Mato de Miranda correspond à une terrasse de ± 15 m, de la basse vallée du Tage (rive droite). Les pièces ont été trouvées presque toutes en surface. Quelques-unes ont été recueillies in situ dans une sablière exploitée en bordure de la route de Mato de Miranda à Casével.

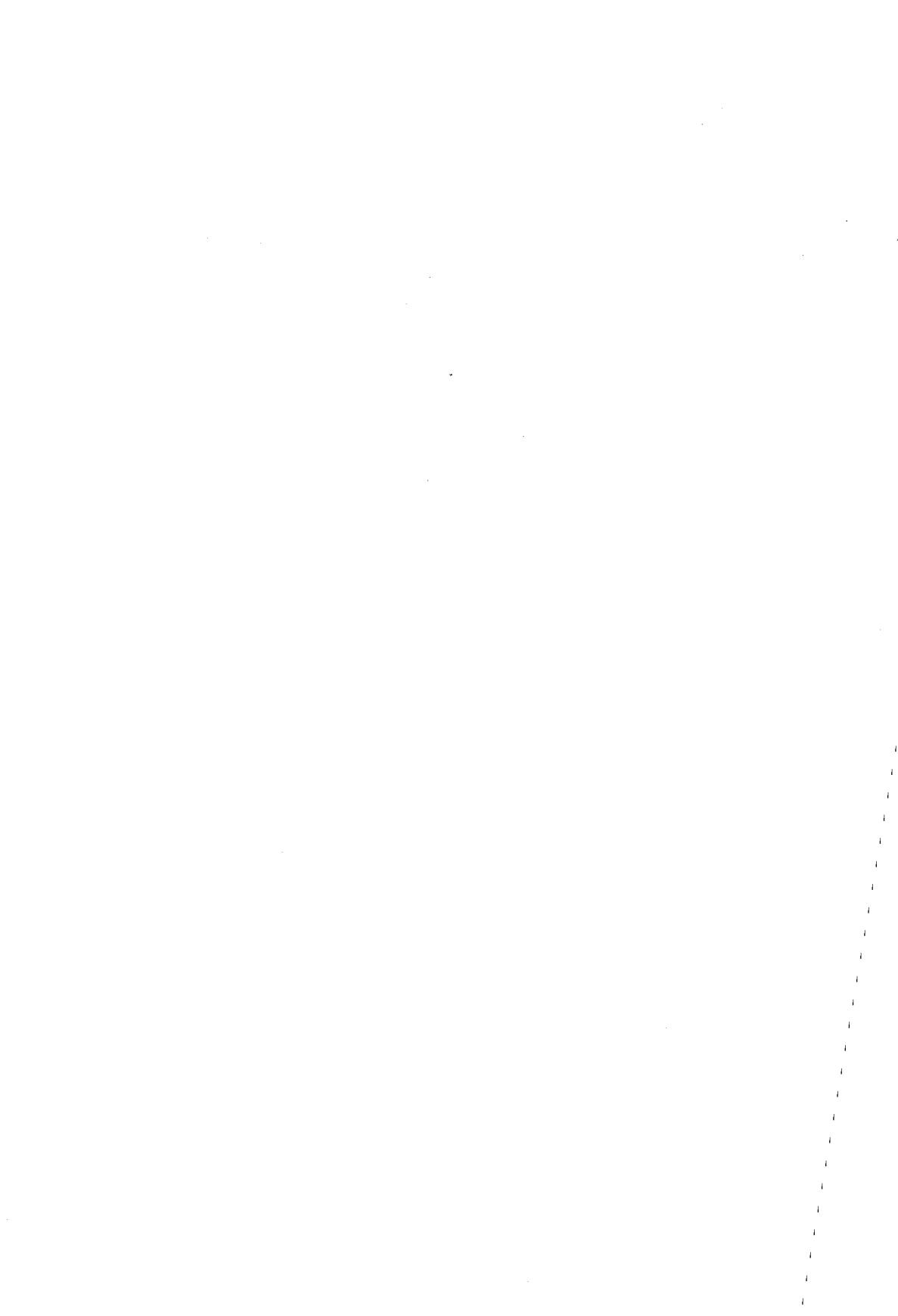
Séparées par séries successives, les pièces les plus anciennes appartiennent à un ensemble abbevillien-acheuléen ancien peu typique (séries I et II). Par contre, les séries IIIa, IIIb et IV correspondent à trois phases successives de l'Acheuléen. Pour terminer, la série V est représentée par un Moustérien de tradition acheuléenne.

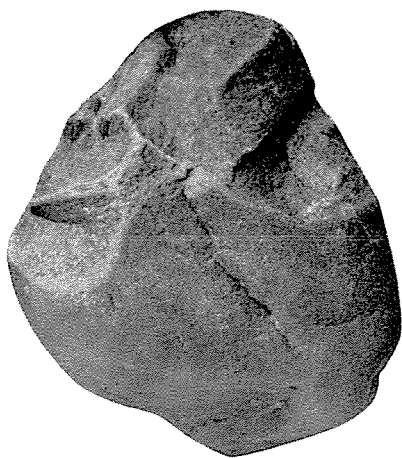
Summary

The palaeolithic station of Mato de Miranda is situated in a 15 meter terrace of the right bank of the lower Tagus river. Almost all the specimens were found on the surface, but some

were discovered in situ, in a sand pit exploited along the Mato de Miranda — Casével road.

After classification in successive series, it is seen that the oldest specimens belong to an atypical Abbevillian-Ancient Acheulean assemblage (series I and II), whereas series IIIa, IIIb and IV represent three successive phases of the Acheulean industry. Finally, series V consists of specimens representing a Mousterian industry of Acheulean tradition.

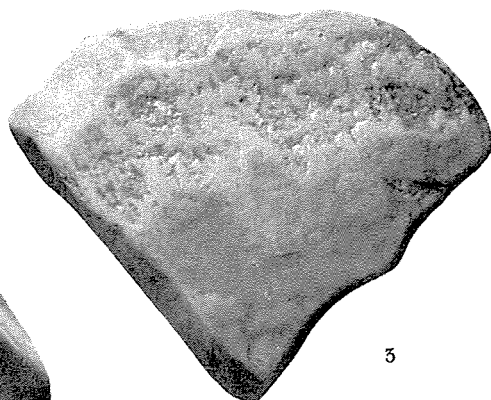




1



2



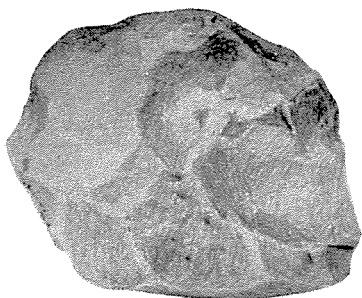
3



4



5



6



7



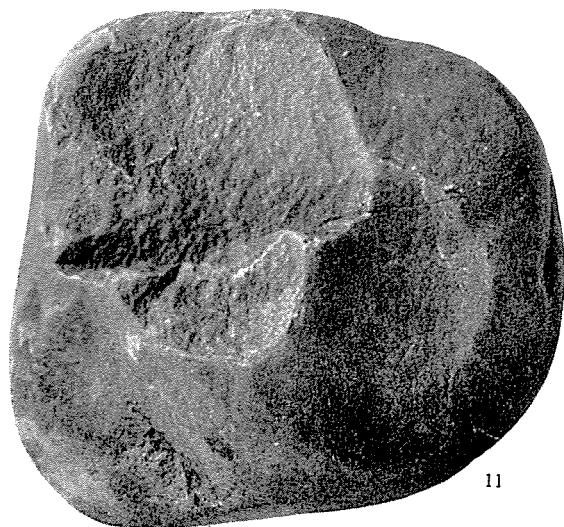
8



9



10



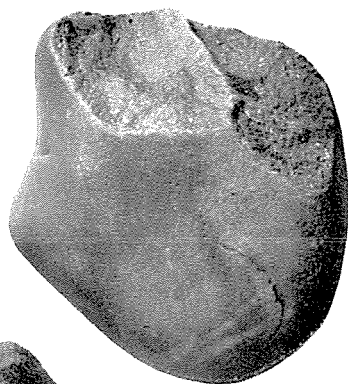
11



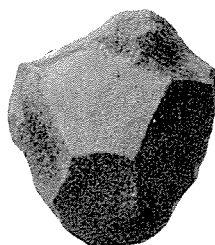
12



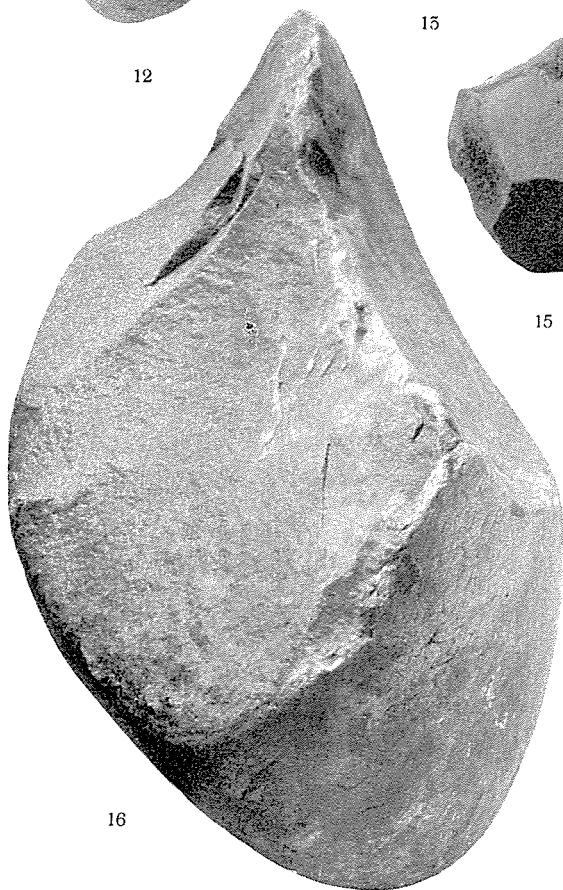
13



14



15



16



17

Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) — V

POR

Agostinho Farinha Isidoro

Naturalista do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»
da Faculdade de Ciências do Porto
e Bolseiro do Instituto de Alta Cultura

Anta 1.^a da Herdade da Costa

Esta anta fica situada num cabeço de azinheiras, chamado *cabeço da anta*, próximo e à esquerda do caminho vicinal, que vai do monte da herdade da Misericórdia para o *monte* da herdade da Costa e a uns 300 m das *malhadas* deste *monte*.

Entre a anta e o *monte* da herdade da Misericórdia passa a ribeira da Misericórdia, que é um afluente da ribeira de Seda.

A anta está muito danificada. Da câmara restam apenas 6 esteios incompletos: 5 de granito e 1 de xisto, o n.º 1. Falta o 3.

A seguir damos o estado de conservação e as medidas dos esteios (altura, largura e espessura), respectivamente ⁽¹⁾:

1 — incompleto; junto dele, no seu bordo anterior, há uma pequena pedra espetada também de xisto; 1,23 m, 0,46 m e 0,35 m;

2 — incompleto; 1,14 m, 1,18 m e 0,38 m;

4 — quase soterrado e a porção que aflora no terreno está inclinada para fora da câmara;

5 — incompleto, mas ainda na posição primitiva; 1,00 m, 0,81 m e 0,44 m;

(1) Os esteios da câmara são contados a partir da esquerda no sentido dos ponteiros do relógio.

6 — porção inferior ainda na sua posição inicial; 0,53 m, 1,01 m e 0,37 m;

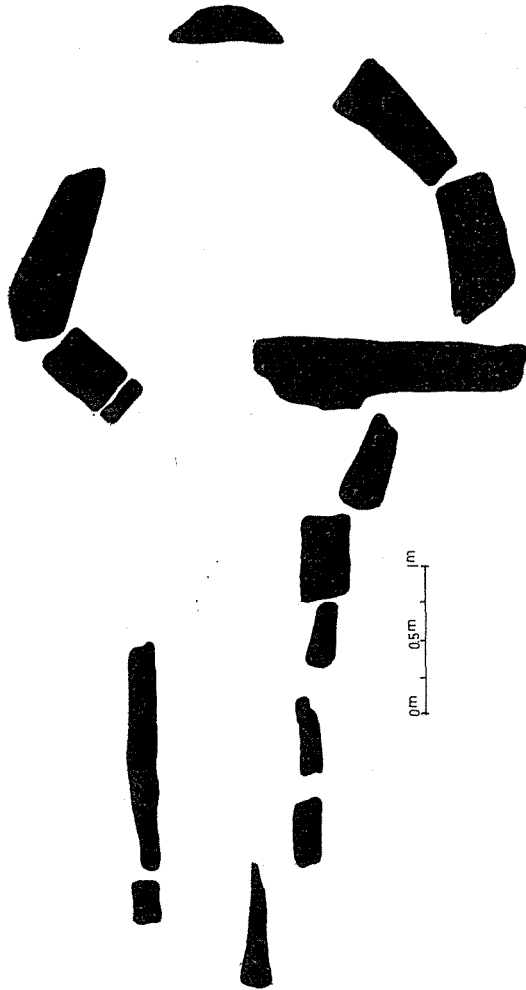


Fig. 1 — Planta da Anta 1.ª da Herdade da Costa

7 — tombado para o exterior, mas agora posto a descoberto pela escavação.

A câmara da anta, depois de removido o enchimento, tem as seguintes medidas: 2,30 m de diâmetro ântero-posterior e 2,75 m de diâmetro transverso.

A escavação pôs a descoberto o corredor, que se encontrava totalmente soterrado. Tem 4 metros de comprimento e 8 pedras de granito, das quais, 6 são do lado norte e 2 do lado sul.

Escavação

Depois de removido o *pasto* (Est. 1, fig. 3) que envolvia o monumento, demos início à sua escavação, começando pela extremidade distal do corredor. Aqui abrimos uma vala de 40 cm de profundidade.

Junto ao bordo anterior de 1.^a pedra do corredor, do lado esquerdo, e à profundidade de 30 cm encontrámos um vaso de cerâmica muito fragmentado. Próximo da 2.^a pedra do mesmo lado, ao nível da sua linha média transversal, a 40 cm de profundidade, estava o machado *a* das figs. 8 e 9. Subjacente a este machado, 40 cm, já no *salão* do corredor, estava o machado *c* das figs. 8 e 9. No topo distal desta última pedra, a 80 cm de profundidade estava o machado *b* das figs. 8 e 9. O machado *d* das figs. 8 e 9 jazia próximo do topo anterior do esteio 1 da câmara, mas ainda no corredor, a 80 cm de profundidade. Por baixo deste machado estava uma *pedra de afiar*.

O espólio desta anta é muito reduzido. O seu enchimento, constituído por terra com algumas pedras à mistura, não apresentava qualquer estratificação. O *salão* deste dólmen é de *pedra lousinha*, isto é, o dólmen assenta no xisto.

Anta 2.^a da Herdade da Costa

Esta anta está situada num pequeno cabeço com azinheiras, a 1 km, e a sul da povoação do Pisão. A leste da anta, e a uns 30 m, há uma horta chamada a Horta das Negras.

A anta tem ainda hoje, na sua posição inicial, os restos de 8 esteios, todos de granito (fig. 2).

As suas medidas externas (altura, largura e espessura) são como indicamos:

1 — 1,55 m, 1,00 m e 0,50 m; 2 — 0,80 m, 1,10 m e 0,23 m;
 3 — 0,45 m, 0,85 m e 0,20 m; 4 — 0,58 m, 0,94 m e 0,23 m;
 5 — 0,82 m, 0,98 m e 0,34 m; 6 — 0,56 m, 1,02 m e 0,25 m;
 7 — 0,20 m, 0,74 m e 0,30 m; 8 — 1,29 m, 0,99 m e 0,45 m.

Destas porções de esteios, as mais conservadas, são as 1,5 e 8.

A câmara tem 2,80 m de diâmetro ântero-posterior e 2,50 m de diâmetro transverso.

A boca da anta está virada ao nascente.

O corredor, posto a descoberto pela escavação, tem 4 m de comprimento e 65 cm de largura na sua extremidade distal; é constituído por 6 pedras: 4 do lado sul e 2 do lado norte. Tem uma grande pedra posta ao través que seria possivelmente uma das tampas ou cobertura do corredor.

Escavação

Iniciámos a escavação no topo distal do corredor. Aqui abrimos uma pequena vala com a profundidade de 50 cm. Junto à extremidade anterior da 1.^a pedra do lado esquerdo e à profundidade de 45 cm estava a metade inferior da placa da fig. 18 e subjacente à mesma estava a sua metade superior. A placa da fig. 16 estava junto a esta pedra mas na sua extremidade oposta.

A placa das figs. 12 e 13, incompleta, de grés micáceo, foi encontrada à profundidade de 50 m, junto da linha média transversal da pedra atrás referida. No intervalo existente entre a 1.^a e 2.^a pedras do lado esquerdo do corredor estava o machado *b* das figs. 10 e 11, à profundidade de 55 cm.

Junto à extremidade anterior da 3.^a pedra do corredor, do lado esquerdo, à profundidade de 60 cm encontrámos a placa da fig. 19 e logo subjacentes o vaso *d* da fig. 24 e o da fig. 25.

A placa da fig. 17 foi encontrada entre as pedras 2.^a e 3.^a do corredor do mesmo lado, à profundidade de 50 cm; o vaso *d* da



Fig. 2 — Planta da Anta 2.^a da Herdade da Costa

fig. 22 estava à profundidade de 70 cm, afastado desta placa 20 cm, para o meio do corredor.

Os vasos *a* e *b* da fig. 22 estavam no meio do corredor, na direcção da extremidade distal da 2.^a pedra do lado direito, a 55 cm de profundidade.

O vaso *b* da fig. 21 foi encontrado à profundidade de 89 cm, entre as pedras 3.^a e 4.^a do corredor do lado esquerdo; o machado *c* da fig. 10 estava junto da linha média transversal da 3.^a pedra do corredor do lado esquerdo, à profundidade de 75 cm; o vaso *b* da fig. 23 estava a 85 cm de profundidade afastado 25 cm em linha recta da 4.^a pedra do corredor do lado esquerdo; à profundidade de 100 cm, junto da extremidade anterior da pedra proximal do lado direito do corredor, estavam os vasos *a* da fig. 21 e o vaso *f* da fig. 22.

Os vasos *e*, *c* e *e* das figs. 21, 21 e 22, respectivamente, foram encontrados junto da extremidade posterior da 3.^a pedra do lado esquerdo do corredor, a 79 cm de profundidade; o machado *a* das figs. 10 e 11 e o vaso *c* da fig. 22 estavam a meio da boca da anta, à profundidade de 78 cm.

Junto à extremidade inicial do esteio 1 da câmara e a 100 cm de profundidade estavam os vasos *d*, *b* e *c* das figs. 21, 23 e 23 respectivamente e subjacente estava a *facca de silex i* da fig. 7; o vaso *d* da fig. 23, e os vasos das figs. 25 e 26 foram encontrados junto da extremidade posterior do esteio da câmara à profundidade de 100 cm; a placa da fig. 19 estava a 100 cm de profundidade, próximo do esteio 7 ao nível da sua linha média longitudinal; no centro da câmara, assente no salão, à profundidade de 120 cm, estava a placa da fig. 15.

Quer o enchimento do corredor, quer o da câmara eram constituídos por terra *barrusca*, terra endurecida, constituída por numerosos grãos de areia aglutinados por argila, com algumas pequenas pedras de permeio. Não apresentavam qualquer estratificação aparente. A primeira camada de terra escavada, quer no corredor, quer na câmara, com a espessura de 30 cm, foi completamente estéril em materiais arqueológicos.

O corredor foi mais rico do que a câmara. Esta deu apenas algumas peças arqueológicas, como se verifica pelo exposto.

Os materiais recolhidos, muitos deles incompletos, foram encontrados junto dos esteios, ou a pequenas distâncias destes, quase

todos a grandes profundidades, o que lhes valeu, possivelmente, ter escapado à destruição ou desaparecimento total pelos achadores de tesouros.

Não escavámos o quadrante posterior esquerdo da câmara, para ficar de testemunho.

Espólio

O espólio destas antas é constituído por alguns objectos de adorno, peças de pedra lascada e polida, placas-ídolos, uma pedra de afiar e muita cerâmica.

Objectos de adorno

Há três contas e um pingente, encontrados na terra crivada do corredor; as contas são de xisto: uma preta (fig. 7-*d*), outra cinzenta (fig. 7-*e*) e uma outra cinzento micáceo (fig. 7-*f*). Os seus diâmetros são, respectivamente: 9,5 mm, 10 mm e 9,5 mm. O pingente (fig. 7-*c*) é de calaíte; tem um orifício de suspensão numa extremidade e 35 mm de comprimento.

Material lítico

Temos uma ponta de seta de sílex, uma faca e três porções de facas também de sílex; a ponta de sílex (fig. 7-*b*) tem a base convexa, é de coloração acastanhada preta e lindamente facetada com finíssimos recortes nos bordos; a faca (fig. 7-*i*) é de cor acastanhada; na face lisa é côncava e na face convexa tem uma aresta a todo o comprimento, que a divide em duas lâminas; tem 148 mm de comprimento. Das três porções de facas, uma é esbranquiçada (fig. 7-*a*), outra é bege (fig. 7-*h*) e a outra é cor de chumbo (fig. 7-*g*); só esta apresenta bordos recortados.

Estas antas deram-nos 7 machados polidos, de xisto anfibolítico e de secção rectangular.

A seguir damos as medidas, as características e o estado de conservação destes machados:

machado *a* das figs. 8 e 9, de gume arqueado, com alguns sinais de uso e com polimento limitado à parte das faces e ao gume; 136 mm de comprimento, 41 mm de largura e 40 mm de espessura máxima;

machado *b* das figs. 8 e 9, de eixo arqueado, gume bem afiado, quase recto, com as faces e bordos polidos; 174 mm de comprimento, 64 mm de largura e 24 mm de espessura;

machado *c* das figs. 8 e 9, com o gume bem afiado e o eixo algo arqueado, polido nas duas faces; 140 mm de comprimento, 58 mm de largura e 33,5 mm de espessura;

machado *d* das figs. 8 e 9, de gume afiado, pouco arqueado, com vestígios de uso; apresenta-se polido nas faces e nos bordos laterais; 117 mm de comprimento, 55 mm de largura e 13 mm de espessura;

machado *a* das figs. 10 e 11, de gume arqueado e bem afiado, com indicação de uso e faces polidas; 146 mm de comprimento, 45 mm de largura e 36 mm de espessura.

machado *b* das figs. 10 e 11, de gume arqueado, com sinais de uso; falta-lhe uma porção de uma das faces e uma porção do gume; faces polidas; 110 mm de comprimento; 57 mm de largura e 28 mm de espessura;

machado *c* das figs. 10 e 11, de gume bem afiado, arqueado, com ligeiros vestígios de uso; algum polimento nas faces; 159 mm de comprimento, 65 mm de largura e 18 mm de espessura;

Placas-ídolos

Temos 8 placas-ídolos da anta 2.^a da Herdade da Costa. A anta 1.^a da referida Herdade não deu qualquer placa-idolo. Destas placas, 4 estão completas e 4 incompletas. A seguir damos as suas características:

A placa das figs. 12 e 13 está incompleta; falta-lhe o bordo superior e uma grande parte da metade inferior; os bordos laterais são rectos e arredondados.

Dimensões: 68 mm de largura no seu terço superior e 10,5 de espessura.

Decoração: está decorada nas duas faces; numa delas (fig. 12), a decoração é constituída por quatro faixas dispostas em diagonal, algo arqueadas; duas destas faixas têm, a todo o seu comprimento, várias incisões. Na outra face (fig. 13), apresenta a mesma decoração, mas mais apagada.

A placa da fig. 14, está incompleta na sua porção inferior; é de xisto, de tonalidade verde; tem ao alto um orifício de suspensão; os bordos são quase rectos e os cantos arredondados.

Decoração: existe apenas numa face (fig. 14) e é formada por traços feitos em diagonal, dispostos paralelamente uns aos outros.

A placa da fig. 15 é de forma quase rectangular e de xisto cinzento micáceo; os bordos laterais são rectos, o superior e inferior são convexos; o orifício de suspensão abre-se na extremidade superior ao centro.

Dimensões: 218 mm de comprimento, 91 mm de largura e 13 mm de espessura.

As faces não apresentam decoração; uma delas, a da fig. 15, tem no seu terço superior duas depressões laterais, semelhantes às que temos encontrado em outras placas da mesma região ⁽¹⁾.

A placa da fig. 16 tem a forma rectangular; é de xisto cinzento; os bordos são arredondados; os cantos direitos são também arredondados; os esquerdos têm aresta viva. Na extremidade superior tem um orifício de suspensão.

Dimensões: 157 mm de comprimento, 96 mm de largura e 12 mm de espessura.

Decoração: só uma face (fig. 16) tem decoração; esta face tem três riscos transversais, que a dividem em 4 porções. Na porção superior tem o orifício de suspensão; aos lados deste há duas superfícies quadriculadas rectangulares; abaixo há superfícies triangulares gravadas e figuras angulares lisas.

⁽¹⁾ Agostinho Isidoro, *Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo)* — IV, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XXII, fasc. 1, Porto, 1971, págs. 41 a 56, 21 Est. e 30 figs.

As três porções inferiores têm decoração idêntica.

A placa da fig. 17, tem a forma rectangular e é de xisto preto; tem um orifício de suspensão na extremidade superior; os bordos são rectos e os cantos algo arredondados.

Dimensões: 138 mm de comprimento, 75 mm de largura e 9 mm de espessura.

Decoração: apenas uma face (fig. 17) tem decoração; nesta face há um traço transversal que a divide desigualmente; acima do traço há uma faixa transversal gravada e acima desta há uma gravura angular de vértice inferior, com gravuras transversais decoradas e lisas de um lado e do outro. Na porção inferior, que é a maior, há três riscos longitudinais, que limitam quatro regiões com faixas lisas e tracejadas.

A placa da fig. 18 é de forma rectangular e de xisto cinzento; tem na sua parte mais alta um orifício de suspensão incompleto; as faces são planas; os cantos superiores são angulosos e os inferiores arredondados; os bordos laterais são rectos.

Dimensões: 146 mm de comprimento, 77 mm de largura e 8 mm de espessura.

Decoração: existe apenas numa face (fig. 18); três sulcos transversais dividem esta face em quatro porções, cada uma delas com várias figuras angulares lisas.

A placa da fig. 19 é de xisto preto; tem forma rectangular com um orifício de suspensão na sua parte mais alta; o bordo lateral direito é recto, bem como o inferior; o superior é algo convexo.

Dimensões: 137 mm de comprimento; 98 mm de largura e 10 mm de espessura.

Decoração: só uma face (fig. 19) é decorada. Três traços transversais dividem esta face em quatro porções: a superior, tem a meio, a toda a largura, uma faixa tracejada; as inferiores apresentam figuras triangulares riscadas e lisas.

Esta placa está incompleta devido a acidente da escavação.

A placa da fig. 20 é de xisto preto, de forma trapezoidal, de bordos rectos e com orifício de suspensão na extremidade superior.

Dimensões: 153 mm de comprimento, 112 (?) mm de largura e 13 mm de espessura.

Decoração: existe apenas numa face (fig. 20), é representada por dois traços transversais e dois longitudinais e diversas faixas em forma de V, umas lisas, outras decoradas.

Cerâmica

A cerâmica da Anta 1.^a da Herdade da Costa é escassa; apenas constituída por um vaso incompleto; a da Anta 2.^a desta herdade é muito abundante: 8 vasos esféricos, 3 de bojo côncavo e de fundo achatado em plano, 2 taças, 1 vaso globoso incompleto e 1 vaso grande de fundo esférico com o corpo separado do colo por um ressalto muito acentuado (fig. 26).

Além destes 15 vasos temos ainda desta última anta 5 porções de vasos esféricos com fundo arredondado e carena bem acentuada, 8 porções de vasos esféricos com fundo arredondado, mas sem carena, 4 porções de vasos esféricos com carena e fundo chato, 2 porções de pratos, 2 porções de bordos de potes grandes, possivelmente pertencentes ao mesmo pote, 1 vaso estreito de forma cilíndrica, incompleto e muitos outros fragmentos de vasos; destes, uns são maiores e outros menores; entre eles há 79 porções de bordos.

Na cerâmica desta anta há um vaso e várias porções de outros vasos com ornamentações; o vaso é o da fig. 25; tem várias faixas de tiras transversais escalariformes, desenhadas na superfície externa a toda a altura, algumas pouco nítidas. A porção do vaso da fig. 24-f está ornamentada com faixas de linhas pontoadas, também dispostas transversalmente. A da fig. 24-d tem faixas paralelas feitas de pontos. A porção do vaso da fig. 24-c tem ao longo dos bordos 2 linhas paralelas pontoadas e a da fig. 24-g tem 2 linhas paralelas pontoadas dispostas verticalmente.

A porção menor de pote grande tem, um pouco abaixo do bordo, uma protuberância arredondada, de 28 mm de diâmetro, sem qualquer perfuração. Esta protuberância mamilar teria sido usada como asa.

A porção de vaso c da fig. 24 tem três formações mamilares e, uma outra, a da fig. 24-a tem 4 formações em crescente lunar; um pequeno fragmento (fig. 24-b) tem uma protuberância arredondada.

A cerâmica destas antas tem uma espessura que vai de 5 mm a 18 mm.

Conclusões e cronologia

Neste trabalho referimos as escavações realizadas no verão de 1970 nas duas antas da Herdade da Costa situada na freguesia dos Mártires do concelho do Crato.

Ambas estão muito danificadas. À anta 1.^a faltam alguns esteios da câmara, e algumas pedras do corredor; à 2.^a apenas uma ou duas pedras do corredor; nesta, a câmara, que é de forma heptagonal, tem ainda 8 esteios no sítio primitivo. Na anta 1.^a há um esteio de xisto.

Esta última foi toda escavada. Na outra deixámos intacta, para testemunho, o quadrante posterior esquerdo.

Nenhuma destas antas tem *chapéu*.

O enchimento destas antas, quer o do corredor, quer o da câmara, não apresentava qualquer estratificação aparente. Algumas peças apresentam fracturas antigas.

O corredor da anta 1.^a deu algum espólio, mas escasso; a câmara não forneceu qualquer peça arqueológica. Na anta 2.^a quase todo o espólio foi encontrado no corredor. A câmara desta anta deu apenas 6 vasos, uma faca de sílex e duas placas-ídolos.

Os materiais arqueológicos destas antas são, na sua quase totalidade, semelhantes aos das antas deste concelho, já escavadas por nós. Fazem excepção as duas placas-ídolos das figs. 12 e 13 e a da 14, que foram as primeiras encontradas, nas antas do concelho do Crato com este tipo de ornamentação, que lhes confere uma certa raridade. A primeira com as faixas algo arqueadas, dispostas em diagonal, nas duas faces e a segunda com várias faixas paralelas, mas rectas.

A cerâmica da anta 2.^a é muito abundante como o foi a da anta 1.^a do Couto do Biscaia (1).

A natureza do fabrico e a cor da cerâmica destas antas, incluem-na nos três tipos de cerâmica referidos por Leisner no trabalho *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz* (2): cinzento acastanhada, vermelha e preta. Faz excepção o vaso da fig. 26, liso, de cor rósea, de fundo esférico e corpo separado do colo por um ressalto muito acentuado. No fundo tem uma mancha negra em forma de X, provávelmente devida ao uso do fogo.

Nils Åberg, no seu trabalho *La Civilisation éneolithique dans la Péninsule Ibérique* (3), a páginas 33, fig. 17, 9, dá-nos o desenho de um vaso quase semelhante ao nosso e apresenta-o como um tipo de cerâmica dolménica portuguesa.

É de salientar a relativa abundância da cerâmica ornamentada na Anta 2.^a da Herdade da Costa. Veiga Ferreira, no trabalho recentemente publicado e com o título *Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do Prof. Manuel Heleno* (4), refere um vaso ornamentado por bandas de traços pontilhados, aparecido numa anta do concelho de Alter do Chão, confinante com o do Crato.

Admitimos a hipótese de que estes dólmenes pertençam ao neolítico peninsular, no entanto convirá continuar com as escavações dos dólmenes deste concelho e realizar a dos dólmenes de outros concelhos do Alto Alentejo (Alter do Chão, Portalegre, Nisa, etc.), para que com novos elementos se possa estabelecer uma cronologia segura da cultura dolménica desta província.

(1) Agostinho Isidoro, *Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) — III*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», vol. LIV, fasc. 1.º e 2.º, 1970, págs. 145 a 160 e 20 figs.

(2) Georg & Vera Leisner, *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz — Materiais da Cultura megalítica em Portugal*, publicação do «Instituto de Alta Cultura», 1951, 326 págs., LXIII est. com algumas centenas de esplêndidos desenhos.

(3) Nils Åberg, *La Civilisation Énéolithique dans la Péninsule Ibérique*, Paris, 1921, 204 págs. 333.

(4) O. da Veiga Ferreira, *Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do Professor Manuel Heleno*, in «O Arqueólogo Português», série III, vol. IV, Lisboa, 1970, págs. 165 a 173, 1 mapa e 3 est. com figuras.

Résumé

Dans cet ouvrage l'auteur se rapporte aux fouilles réalisées pendant l'été de 1970, dans les deux dolmens de la «Herdade da Costa» appartenant à la paroisse des «Martires» dans l'arrondissement de Crato.

Ces dolmens sont abîmés. Dans le premier il manque quelques supports de la chambre et quelques pierres du couloir; dans le deuxième il manque seulement une ou deux pierres du couloir; la chambre de ce dolmen, qui est de forme heptagonale, a encore 8 supports de granit sur le site primitif. Le dolmen n.º 1 a un support en schiste.

Ce dernier dolmen a été entièrement creusé. Dans l'autre, nous n'avons pas creusé le carré postérieur gauche, afin qu'il serve de témoin.

Aucun de ces deux dolmen n'a de chapeau.

Le comblement de ces dolmens, aussi bien celui du couloir que celui de la chambre, ne présentait aucune stratification apparente. Quelques-unes de ces pièces ont d'anciennes fractures.

Le couloir du 1er dolmen contenait quelques pièces, mais pou; la chambre n'a fournit aucune pièce archéologique. Dans le 2.º dolmen presque toutes les trouvailles ont été faites dans le couloir. La chambre de ce dolmen ne contenait que 6 vases, un couteau en silex et deux plaques-idoles.

Les matériaux archéologiques de ces dolmen sont, dans leur presque totalité, semblables à ceux des dolmens de cet arrondissement, déjà fouillés par l'auteur dans l'arrondissement de Crato. A l'exception des deux plaques-idoles des fig. 12, 13 et 14 qui ont été trouvées par la première fois dans les dolmens de l'arrondissement de Crato, avec ce type d'ornementation qui leur confère une certaine rareté. La 1er ayant des bandes quelque peu arquées disposées en diagonales sur les deux faces, la 2º avec des bandes parallèles mais rectilignes.

La céramique du 2º dolmen est très abondante. La nature de sa fabrication et sa couleur nous permettent de la classer dans les trois types de céramique citée par Leisner dans l'ouvrage: «Antas

do concelho de Reguengos de Monsaraz»: gris-châtain, rouge et noire. Fait exception le récipient de la fig. 26 qui est lisse, rose, au fond sphérique, le corps séparé du col par une saillie très accentuée. Au fond il y a une tache noire en forme de X, vraisemblablement due à l'usage du feu.

Nils Åberg, dans son ouvrage «La Civilisation Énéolithique dans la Péninsule Ibérique», nous montre, p. 33 fig. 17 et 9, le dessin d'un vase presque semblable au nôtre et le présente comme un type de céramique dolménique portugaise.

Il convient de souligner la relative abondance de la céramique ornementée trouvée dans le 2^e dolmen de la «Herdade da Costa». Veiga Ferreira dans son ouvrage récemment publié sous le titre: «Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do Prof. Manuel Heleno» cite un vase ornementé par des bandes de traits pointillés, trouvé dans l'un des dolmens de l'arrondissement de Alter do Chão, voisin de celui de Crato, très semblable au vase de la fig. 25.

En admettant l'hypothèse que ces dolmens appartiennent au néolithique péninsulaire, il convient toutefois de poursuivre les fouilles des dolmens des autres arrondissements du Alto Alentejo (Alter do Chão, Portalegre, Nisa, etc.) afin que, avec de nouveaux éléments, on puisse établir une chronologie sûre de la culture dolménique de cette province.

Summary

In this work, the author refers the excavations effected on the two dolmens sited Herdade da Costa, Martires parish, Crato municipality, at summer 1970.

These dolmens are very damaged. On the first dolmen, some pillars of chamber and some gallery's stones are missing; on the second dolmen, one or two stones of gallery are missing; in the chamber of this dolmen, octogonal shaped, eight pillars are granite made, placed on primitive site.

In the first dolmen a pillar is schist made.

We have entirely digged out this last dolmen. In the other one, we haven't digged out the left posterior quadrant, for witness purposes.

In all these dolmens the capstone is missing.

The ground of such dolmens, either the gallery's one, either the chamber's one, doesn't present any apparent stratification. Some pieces present old fissures.

In the gallery of the first dolmen, we have gotten a short spoil; chamber doesn't give any archeological piece.

On the second dolmen we have gotten almost the whole of spoil in the gallery.

In the chamber of this dolmen we have found six pots, a silex knife and two idol plates.

The archeological materials of these dolmens are, entirely almost, identical to the materials of the dolmens sited this municipality, already digged out by the author on Crato municipality.

It must be excepted the two idol plates as per fi. 12, 13 and 14, the first time found on dolmens of Crato municipality, presenting such a decoration style which gives them a certain rareness.

The first plate shows the stripes somewhat arched, on diagonal arrangement on the two faces and the second plate, with parallel stripes, but straight ones.

On the second dolmen, pottery is very plentiful. The nature of manufacture and the colour of this pottery include it on the three pottery types as referred by Leisner on his work «Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz»: brown-grey, red and black.

Exception is made to the pot as per fig. 26, it is plain, rosy coloured, spherical bottom and a very accentuated salience separating body and neck.

Bottom presents a black x-shaped spot, probably owing to the fire use.

Nils Åberg, in the work «La Civilisation Éneolithique dans la Peninsule Ibérique», pag. 33, fig. 17, 9, shows a drawing of a similar pot and presents it as a portuguese delmen's pottery type.

It must be pointed out the relative plentifulness of decorated pottery found on the second dolmen sited Herdade da Costa.

Veiga Ferreira, on a recent work issue under the title «Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do Professor Manuel Heleno» refers a pot decorated with dot lines stripes, found on a dolmen of Alter do Chão, bordering Crato municipality, much similar to the pot of fig. 25.

We admit the assumption that these dolmens are related to the Peninsular neolithic, however it shall be necessary to go on with the excavations of dolmens sited this municipality and to effect the excavations of the dolmens sited the other municipalities of Alto Alentejo (Alter do Chão, Portalegre, Nisa, and so on) in order to get new elements for establishing a reliable chronology of the Alto Alentejo dolmens civilization stages ⁽¹⁾.

(¹) Queremos aqui apresentar os nossos agradecimentos ao Ex.^{mo} Snr. Dr. Bartolomeu Frazão, de Castelo Branco, proprietário da Herdade da Costa, por nos ter autorizado a escavação destas antas.

As fotografias das figuras 3, 4, 5 e 6 foram tiradas pelo A.

As restantes por T. Rego, Foto Comercial, Porto.



Fig. 3 — Anta 1.ª da Herdade da Costa, vista pelo lado sul, antes do início da escavação



Fig. 4 — Anta 1.ª da Herdade da Costa, vista pelo lado norte em fase adiantada de escavação



Fig. 5 — Anta 2.ª da Herdade da Costa, vista do lado leste, antes da escavação



Fig. 6 — Anta 2.ª da Herdade da Costa, vista do lado leste no início da escavação

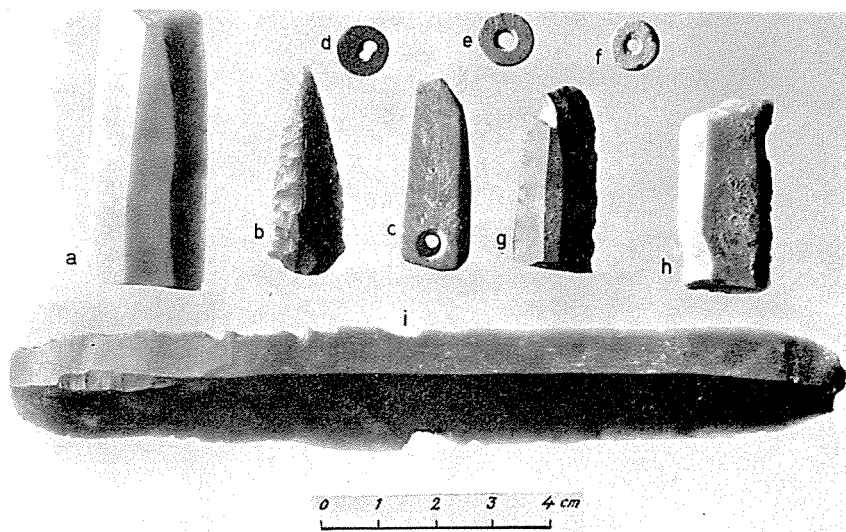


Fig. 7 — Peças líticas e de adorno

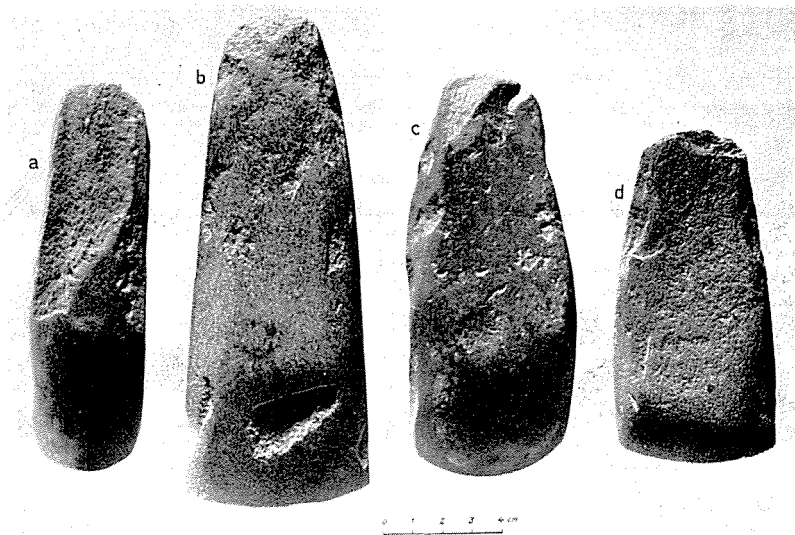


Fig. 8 — Machados de pedra vistos de frente

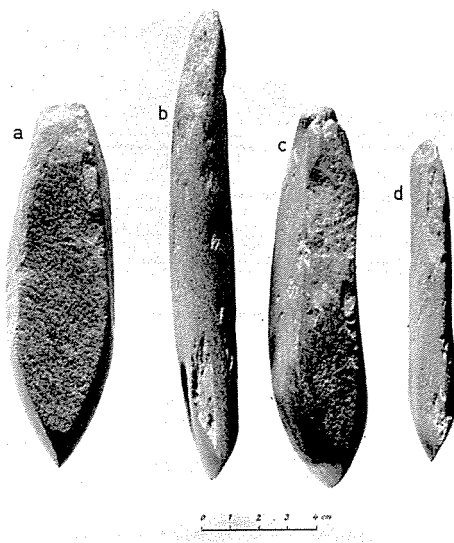


Fig. 9 — Machados de pedra da figura anterior vistos de perfil

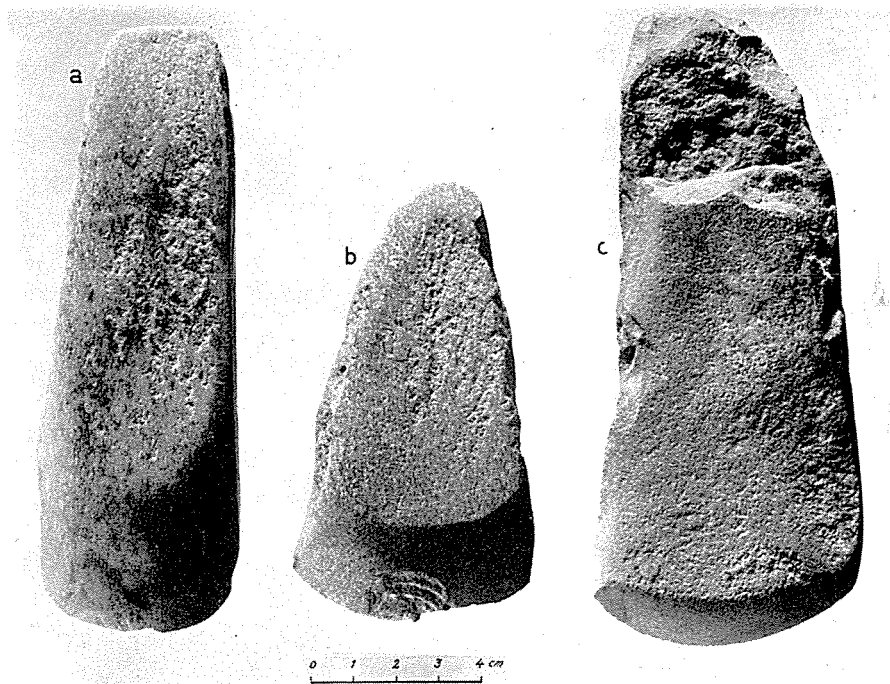


Fig. 10 — Machados de pedra vistos de frente

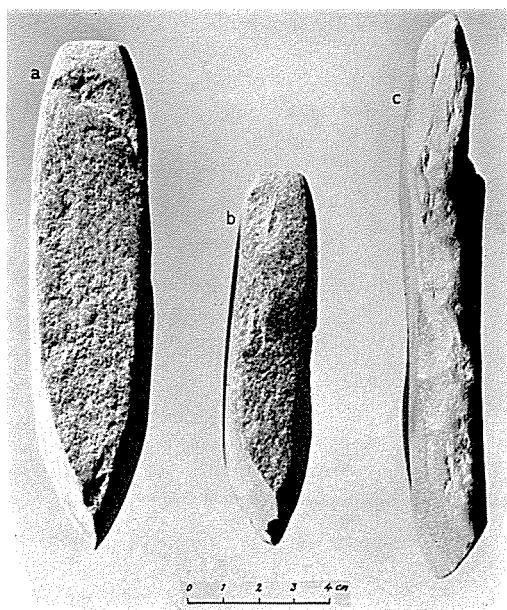


Fig. 11 — Machados de pedra da figura anterior vistos de perfil



Fig. 12 — Placa-idolo



Fig. 13 — Outra face da placa-idolo da figura anterior

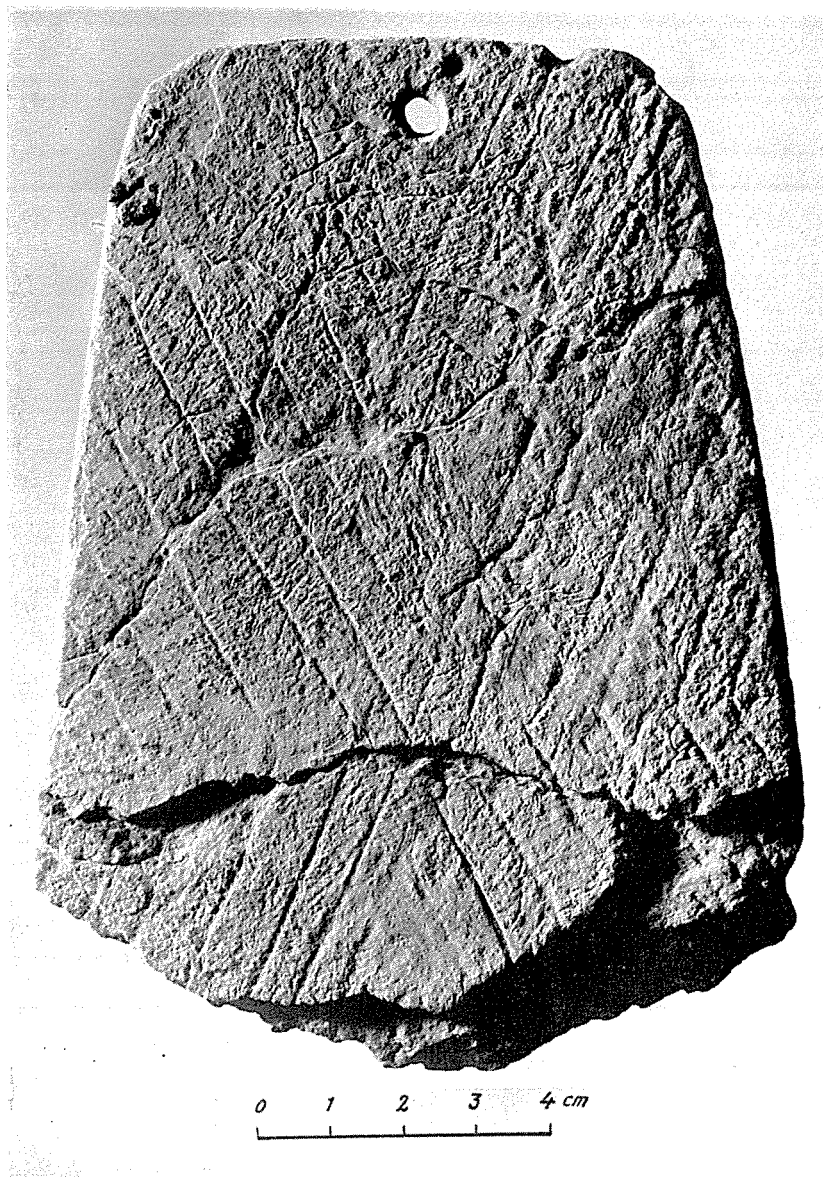


Fig. 14 — Placa-idolo

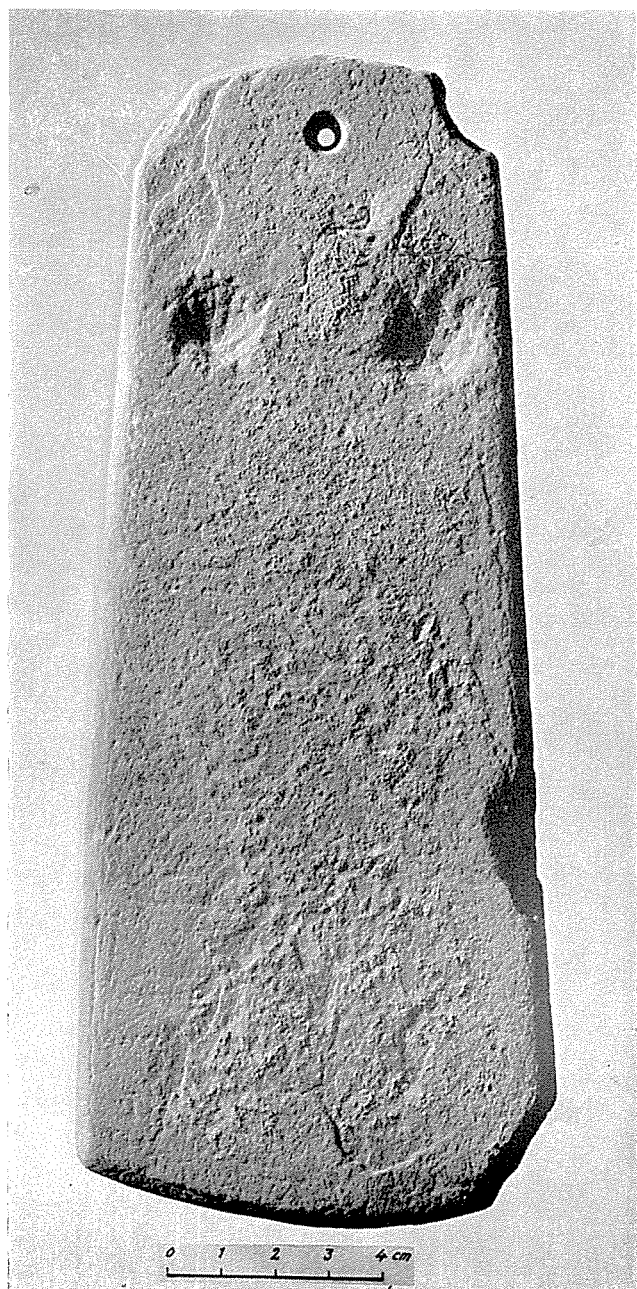


Fig. 15 — Placa-idolo

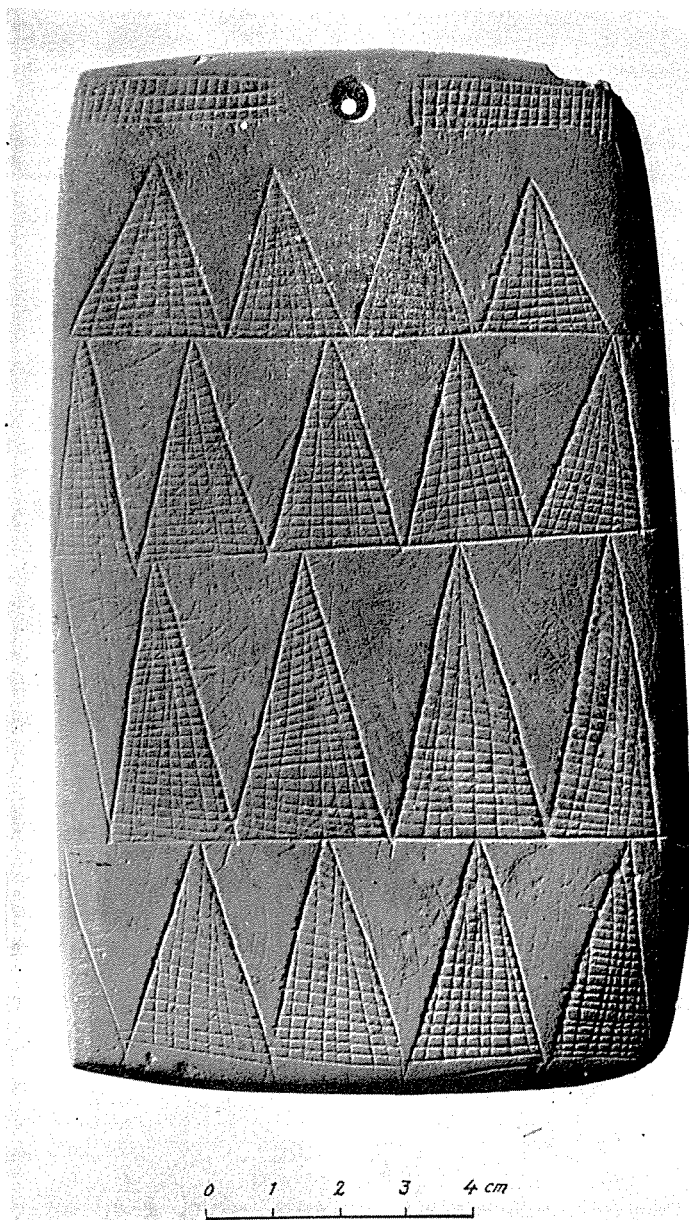


Fig. 16 — Placa-idolo

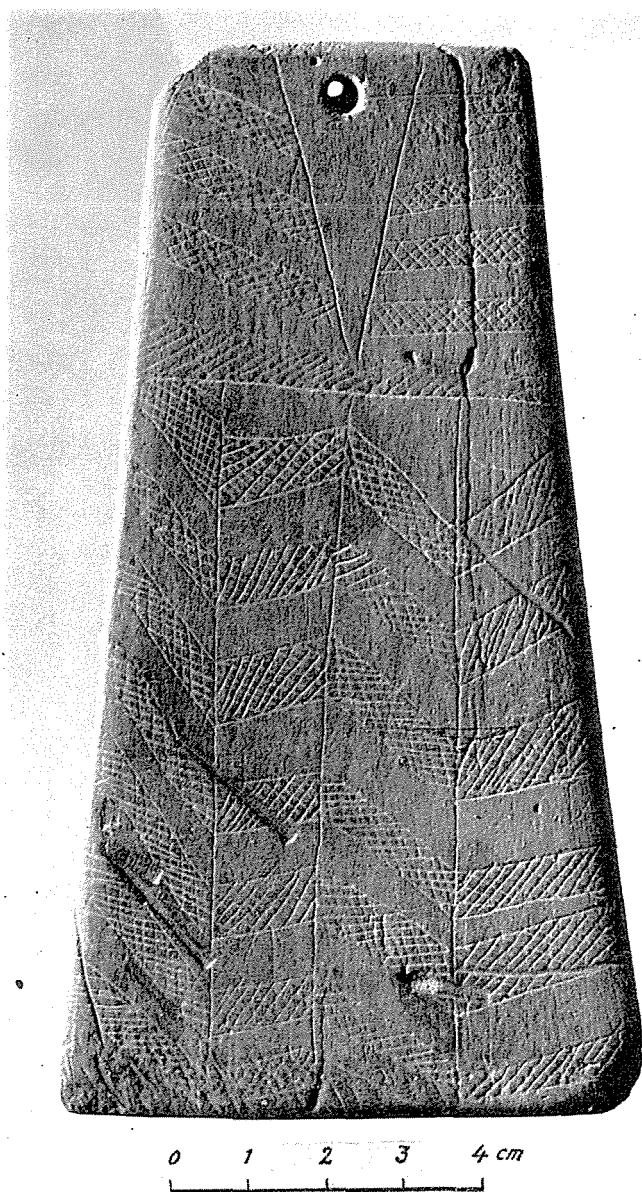


Fig. 17 — Placa-idolo

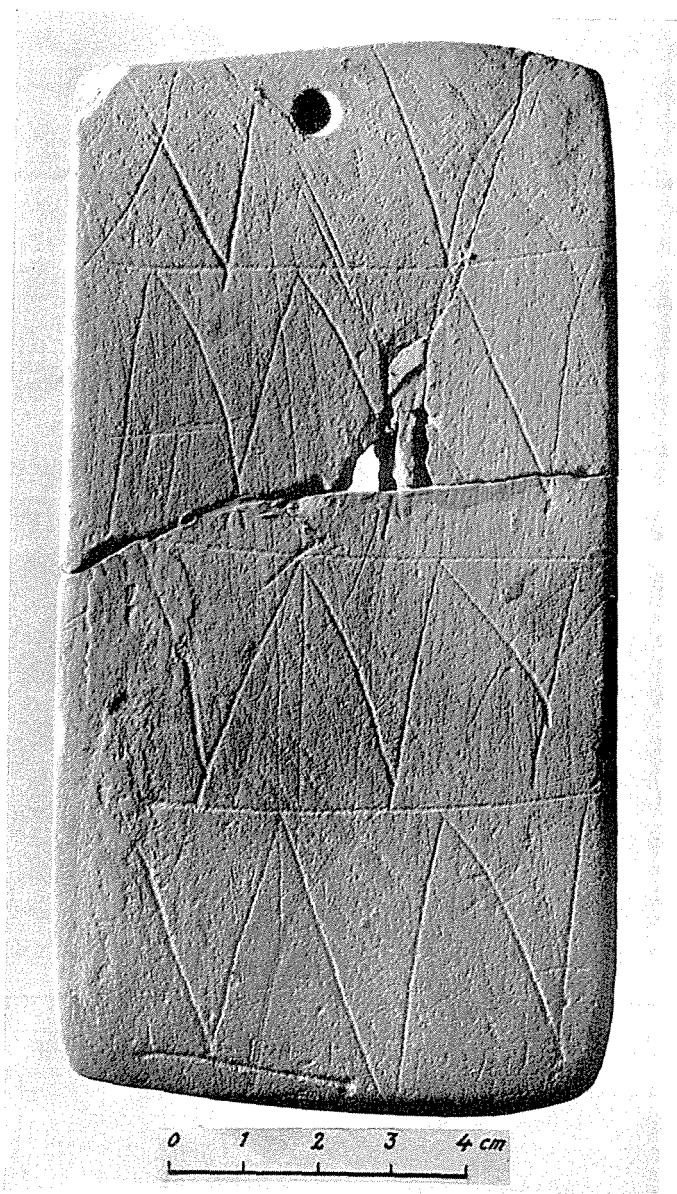


Fig. 18 — Placa-idolo

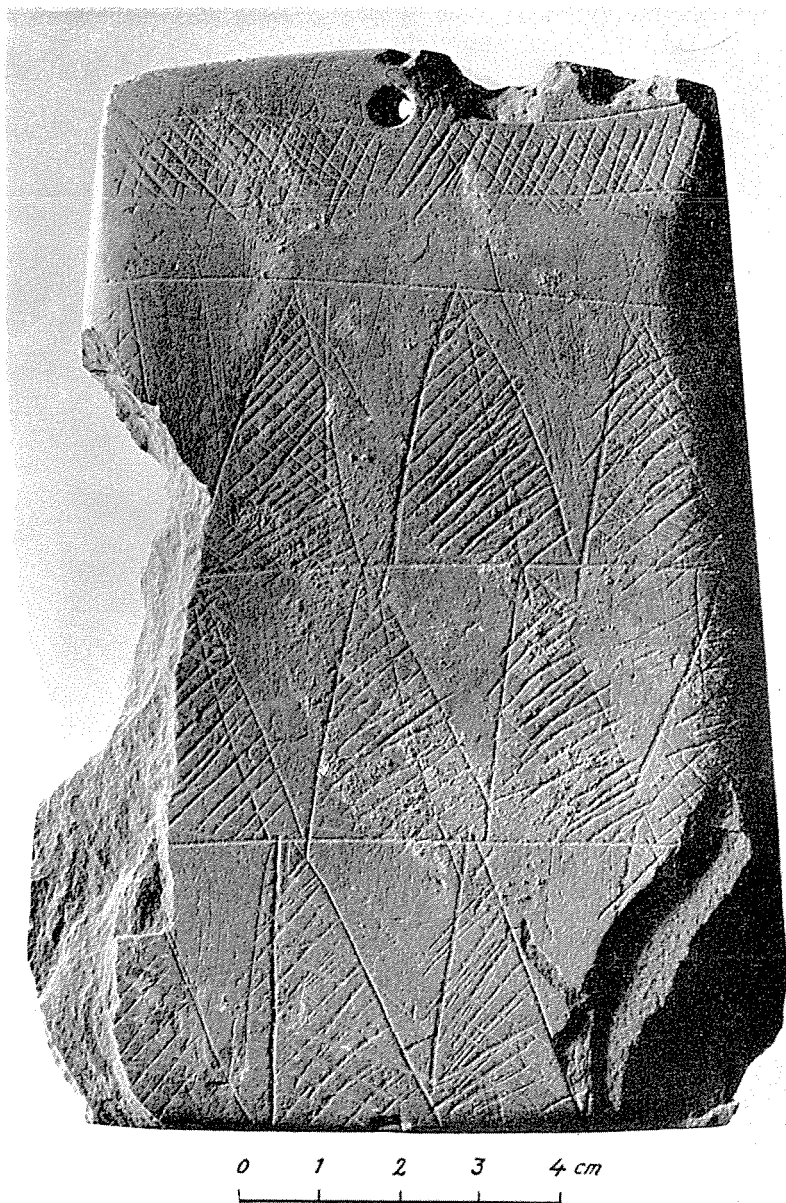


Fig. 19 — Placa-idolo



Fig. 20 — Placa-idolo

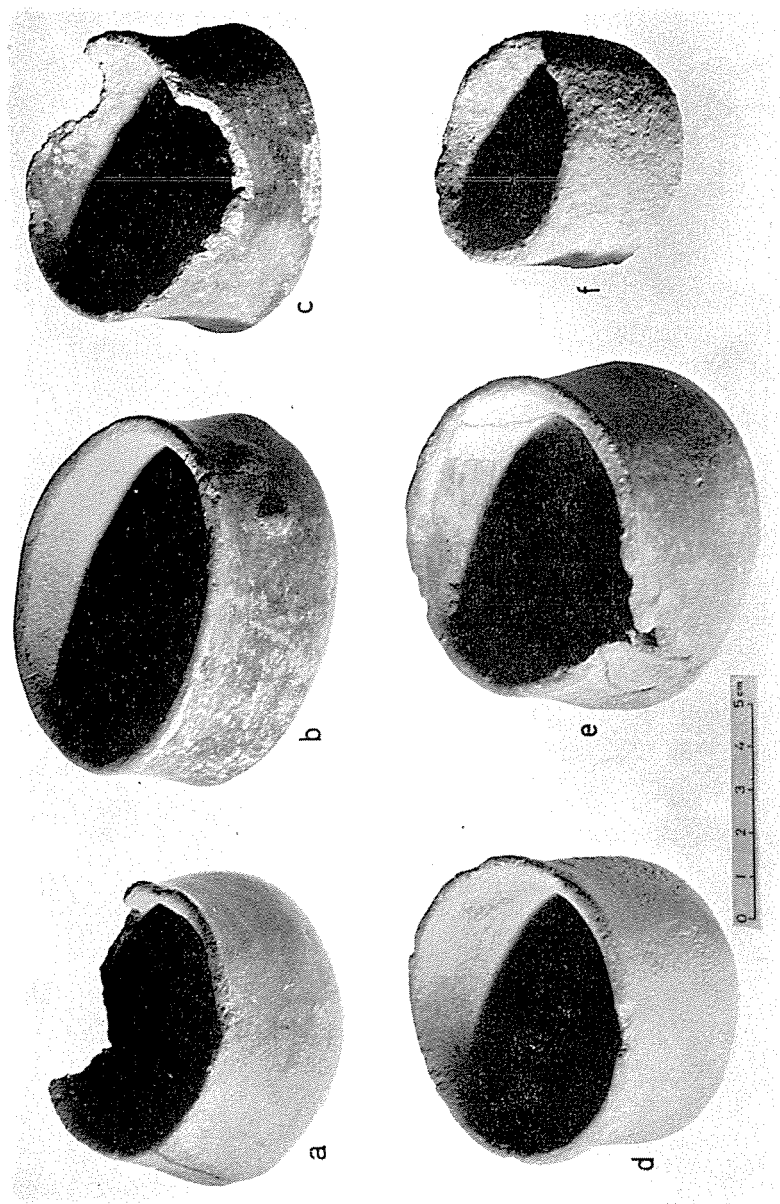


Fig. 21 — Cerâmica

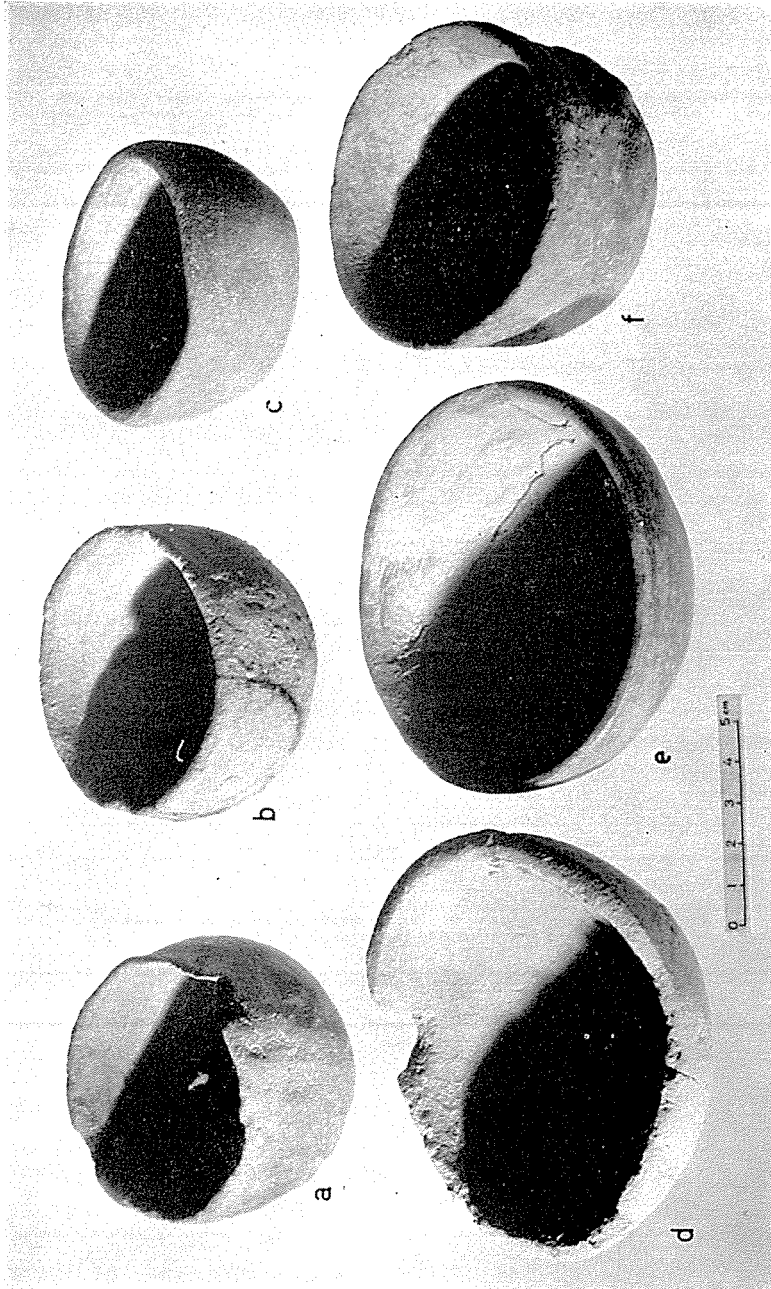


Fig. 22 — Cerâmica

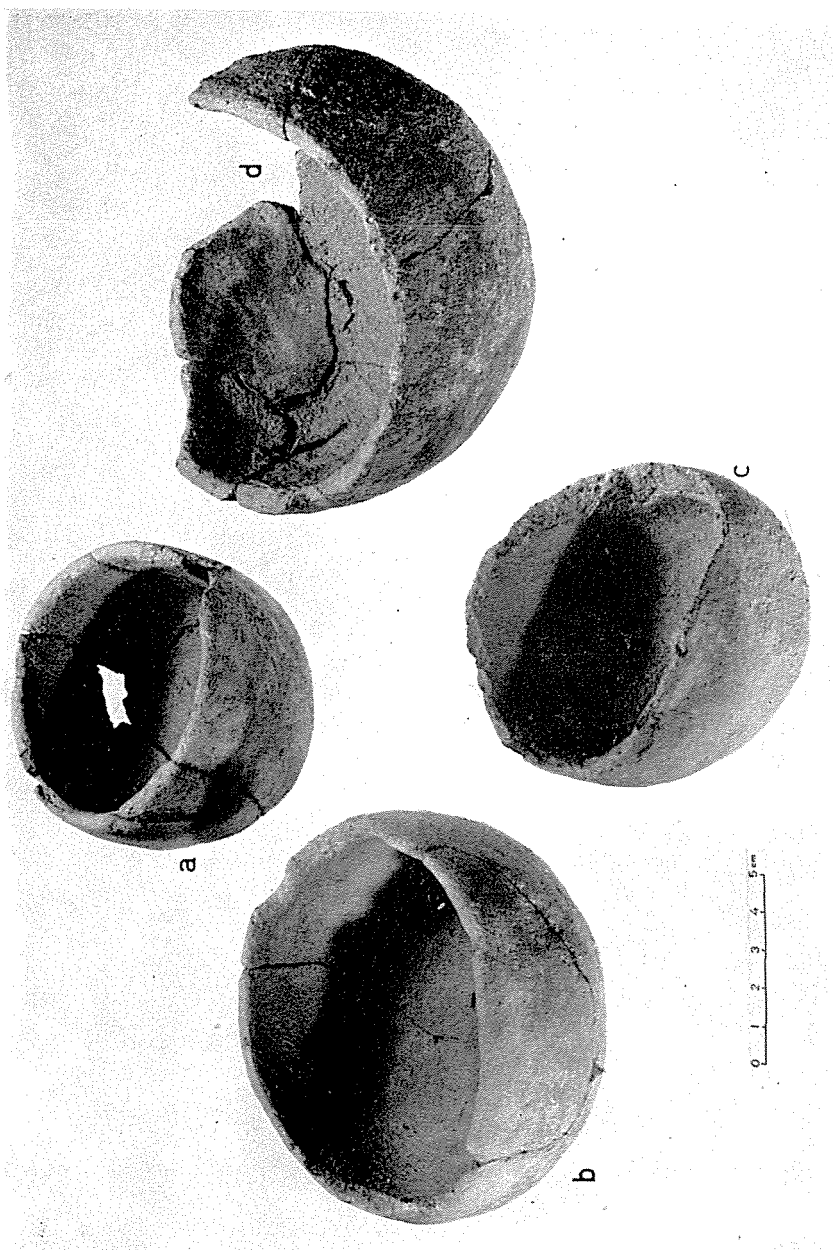


Fig. 23 — Cerâmica

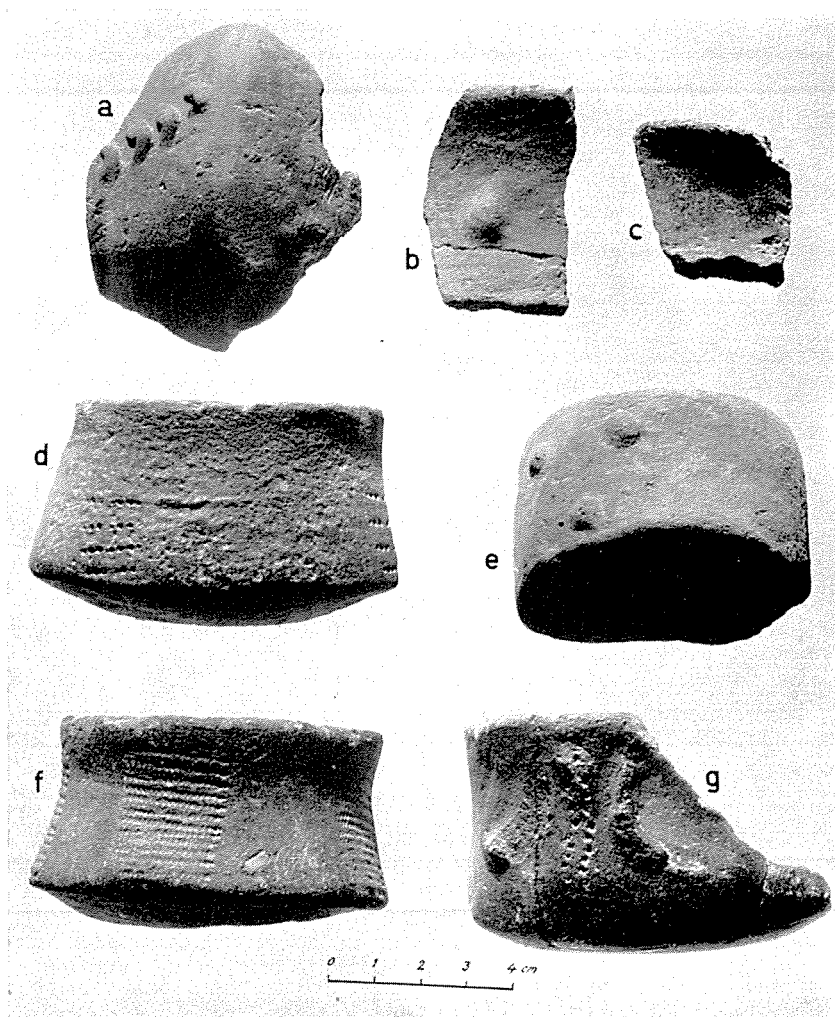


Fig. 24 — Cerâmica ornamentada e cerâmica com protuberâncias de formas diferentes

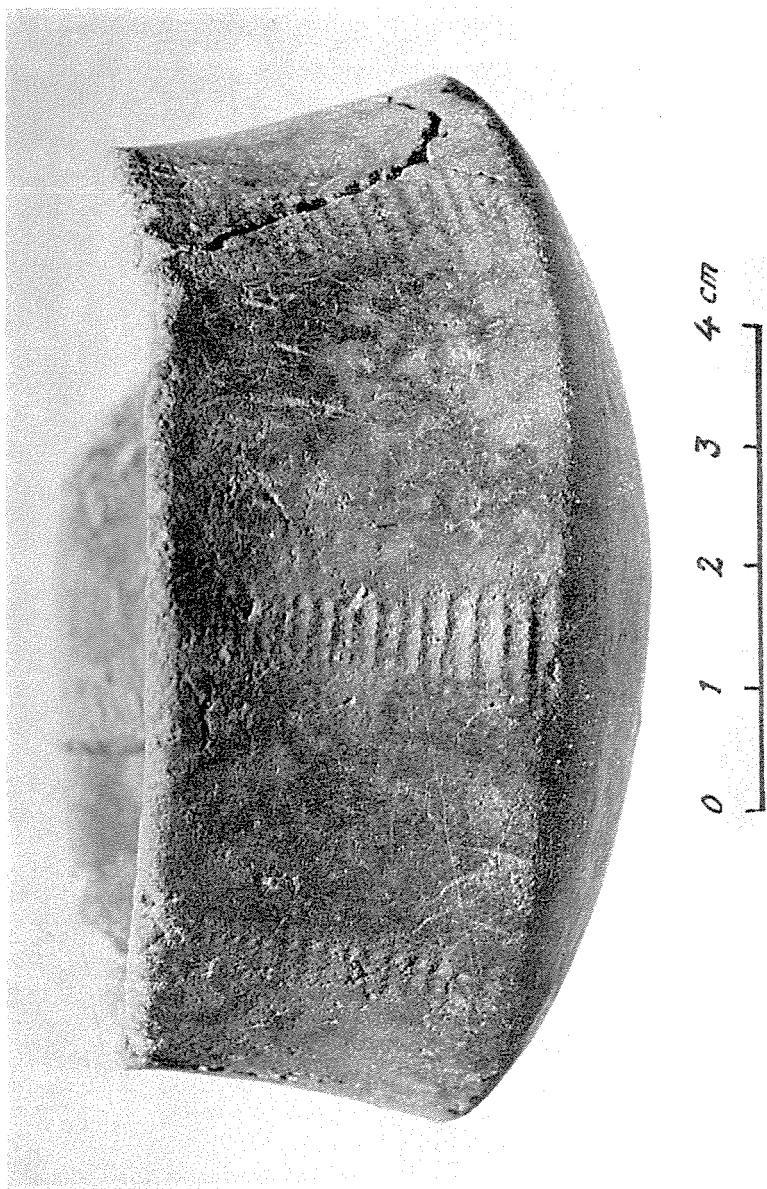


Fig. 25 — Vaso com ornamentação escalariforme

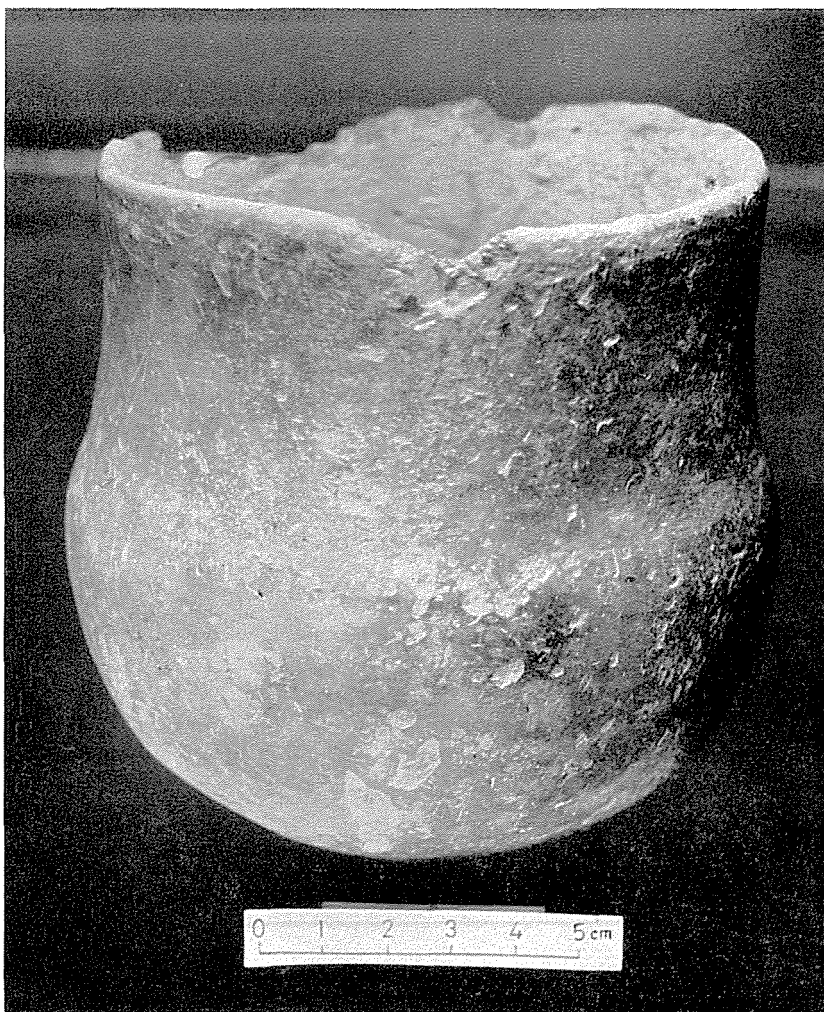


Fig. 26 — Vaso de cerâmica lisa e de cor rósea

O Minepa e o Malaíca fantasmas moçambicanos

POR

J. R. dos Santos Júnior

Antigo Chefe da Missão Antropológica de Moçambique
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

Nas seis campanhas da Missão Antropológica de Moçambique (1) foram muitos os materiais colhidos por mim e pelos meus dedicados colaboradores.

Foi possível, nem sempre com facilidade, agregar em algumas campanhas da Missão, distintos funcionários do quadro administrativo e do Museu Álvaro de Castro. Porém nenhum destes bons

(1) A Missão Antropológica de Moçambique foi criada em 1936 pelo então ministro das Colónias, Dr. Francisco Vieira Machado, a cuja memória presto a minha homenagem.

A Missão fez seis campanhas em Moçambique, nos anos de 1936, 1937, 1945, 1946, 1948 e 1955.

Eu e os meus dedicados companheiros Dr. António Augusto Fernandes, Luís dos Santos e J. Norberto de Campos Rodrigues dos Santos, publicamos cerca de 60 trabalhos de Antropologia Física, Etnografia e Psicotecnia dos indígenas moçambicanos e de Arqueologia de Moçambique.

Em 1955 uma Portaria estabeleceu um quinquénio de trabalho à Missão. O ano de 1955 seria para a realização da última campanha de trabalhos de campo em Moçambique e os quatro seguintes para trabalhos de gabinete.

Inesperadamente, e sem que ainda hoje eu saiba porquê, a Missão foi extinta ex-abrupto em Dezembro de 1958.

O corte de um ano ao quinquénio que havia sido estabelecido em portaria prejudicou muito o plano de trabalhos de aproveitamento dos muitos materiais colhidos.

Pedi por várias vezes a recriação dos trabalhos de gabinete mas nada consegui.

colaboradores trabalhou na sequência das seis campanhas. Os que puderam prestar maior assiduidade foram os dedicados colaboradores Luís dos Santos, em todas as campanhas, e o Dr. António Augusto Fernandes e o meu filho Joaquim Norberto de Campos Rodrigues dos Santos, estes dois nas últimas quatro campanhas.

Entre a grande quantidade de materiais colhidos respeitantes a crenças, usos e costumes, numa palavra, à Etnografia dos pretos de Moçambique, temos nos nossos apontamentos algumas notas referentes a duas entidades sobrenaturais, verdadeiros fantasmas, o *Minepa* e o *Malaica*, de que nos ocuparemos a seguir.

O Minepa de Nampula

Foi em Nampula, em Julho de 1948, durante a 5.^a campanha da Missão Antropológica, que tivemos conhecimento deste fantasma agigantado.

Jacinto Sabonete, cipai n.º 19 da Administração do concelho de Nampula, foi quem, pela primeira vez, nos falou dele.

Começou por nos dizer que o MINEPA, ou MENEPA era uma grande pedra que ficava na Serra Muipire, também chamada da Mesa, em terras do régulo Nampula.

Guiados por este cipai fomos ver este MINEPA, que fica a uns 8 a 10 quilómetros de Nampula, na ponta leste daquela serra.

Na base da Serra Muipire deparamos com um enorme rochedo granítico com os seus 25 a 30 metros de altura por 40 de largura, enquadrado, à direita e à esquerda, por um grupo de árvores esguias a que deu o nome de *murrales*.

Junto do rochedo não vimos qualquer grande ou pequeno terreiro, mas apenas alguns calhaus, irregularmente distribuídos, e lenha, que nos pareceu partida de há pouco.

Era ali, junto daquele penedo granítico, disse-nos o cipai, que os indígenas iam prestar culto ao MINEPA.

No regresso a Nampula, o nosso guia afirmou com a maior naturalidade, num misto de forte convicção e de impressionante insensibilidade, que, nos próximos dias, havia de morrer qualquer pessoa das aldeias indígenas à roda daquele *Minepa*, por ter sido visitado por brancos.

Mais informou que na mesma Serra Muipire, mais conhecida por serra da Mesa, sabia de mais dois *Minepas* em termo das terras do cabo Cocóla, ou seja, mais dois sítios onde os pretos iam invocar o *Minepa*. Acrescentou que ao *Minepa* das terras do cabo Cocóla chamam NACURRO, e vive na serra Cocóla.

O Minepa de Cocóla

Este *Minepa* é igual aos outros *Minepas*. «Tem figura de gente, é muito comprido, só tem uma perna, só um braço com um só dedo, só um olho no meio da testa, só uma orelha, e na cabeça só um cabelo» (Fig. 1).

A este Minepa da serra Cocóla chamam NACURRO, sem que se saiba porquê. Tão pouco souberam dizer o justo significado desta palavra.

Segundo o mesmo informador o *Nacurro*, além dos caracteres unitários indicados, tem grandes nádegas, as quais, em seu dizer, «eram do tamanho dum caixote», e a barriga grande e proeminente.

O seu grande tamanho, 5 a 6 metros de altura (!), e força à proporção, permite-lhe poder pegar num automóvel com toda a facilidade e tombá-lo como quem tomba uma caixa de fósforos.

Trata-se pois de uma estranha e gigantesca figura antropomórfica que os pretos acreditam viver isolada na serra, mas que pode vir às povoações.

Afirma-se que tem vindo algumas vezes a Nampula, onde há pessoas que o têm visto.

Acrescentou que é sinal de boa sorte ver-se um *Minepa*.

Especificou que, havia poucos dias, o *Nacurro* entrara de noite na fábrica de descasque de arroz de Ferreira dos Santos, e fora visto por um branco empregado da mesma.

Mais disse que na serra Cocóla o *Nacurro*, a cada passo, anda aos tiros a matar caça. «Às pessoas que que lhe aparecem, e falam com respeito, ele dá grandes pedaços de carne, que corta dos animais abatidos».

«O *Nacurro* avisa os pretos quando vai chover. Para isso faz um grande fogo no alto da serra.»

Quando os pretos vêem o alto da serra Cocóla a arder, logo começam a *colimar* ⁽¹⁾ as suas *machambas* e a tratar de as semear, pois é certo e sabido, que, o mais tardar, dentro de 4 ou 5 dias, cairá chuva em abundância.

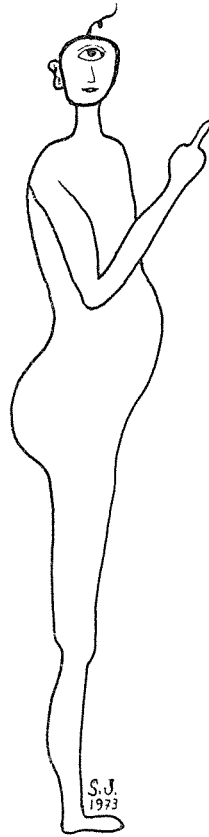


Fig. 1 — O Minepa como é imaginado pelos indígenas

(1) *Colimar* é termo corrente no norte de Moçambique, especialmente na Zambézia, e corresponde à preparação das terras para a sementeira; é uma cava pouco mais que superficial para o arranque das ervas.

Machamba é termo com difusão similar à do vocábulo anterior e exprime a propriedade agrícola, que o indígena prepara algures na savana derrubando as árvores a que depois deita fogo.

Ao solícito cipai informador manifestei vontade de subir à serra Cocóla para ver se tinha a sorte de encontrar o *Nacurro*; ao mesmo tempo deixei transparecer perfeita credulidade na existência viva desse estranho e gigantesco figurão.

A reacção do informador foi imediata.

Logo nos disse que, por estarmos a falar do *Nacurro* e da ida, no dia seguinte, à serra, «o *Nacurro* sonhará que nós lá vamos; não nos fará mal; nenhum de nós o verá e ele ver-nos-á a todos, *porque é ajudante de Deus, e, por isso, tem grandes poderes*».

Ao mesmo tempo foi dizendo que nenhum preto se atreve a subir à serra Cocóla devido ao respeito, e medo, que todos têm pelo *Nacurro*.

A serra só é escalada por grupos de 10 a 20 indígenas, acompanhados pelo feiticeiro, que, de quando em quando, vai deitando punhadinhos de farinha no chão. Esses indígenas acompanhantes do feiticeiro são, quase sempre, aprendizes de feiticeiro.

De modo formal, certamente para nos dissuadir do propósito de subirmos à serra Cocóla, declarou que se lá fosse conosco não subiria à serra, porque tinha medo de morrer, e ainda mais, que não encontraríamos qualquer preto daqueles sítios para nos acompanhar, pois todos haviam de fugir ao verem-nos começar a subir aquela serra.

Daqui se depreende que, pelo menos em certas circunstâncias, o *Nacurro* pode ser elemento pernicioso ou maligno.

Por tal motivo e para evitar possíveis malefícios, com interferência do feiticeiro realizam-se cerimónias em sua honra, deitando farinha no chão, ao mesmo tempo que se lhe pede auxílio e protecção na realização dos mais variados actos da vida indígena.

Na opinião deste cipai, bem como na de todos os pretos daquela região, «o *Nacurro é ajudante de Deus, e, por isso, pode dar tudo quanto se lhe pede*».

As cerimónias fazem-se em sítios determinados como por exemplo junto do grande penedo da Serra Muitize ou da Mesa, como dissemos suceder com o *Minepa* de Nampula. Tais sítios são considerados lugares sagrados. Daí a relutância de nos guiarem até junto deles.

As cerimónias realizam-se com finalidades várias; muito especialmente para boa sorte nos seus negócios, na cura dos doentes e para pedir chuva, quando a seca é grande.

Tais cerimónias consistem no seguinte: vão junto do *Minepa*, sítio que, por generalização, toma o nome daquele a quem ali se lhe dedicam práticas rituais, levam farinha de milho que deitam no chão, e, em voz alta, fazem a petição do auxílio para conseguirem aquilo que pretendem.

Alguns exemplos dados pelo cipai.

«*Minepa*: Venho aqui trazer-te esta farinha para me dares sorte na venda do meu amendoim, fazendo com que o monhé ⁽¹⁾ m'o pague por bom preço.»

Outro exemplo.

«*Minepa*: trago-te esta farinha para me dares sorte na caça, para que eu mate 4 ou 5 cabeças e para que a caça me não faça mal.»

Estas são, digamos, pequenas cerimónias, individuais, ou, quando muito, familiares, pois é frequente que o peticionário se faça acompanhar das pessoas de família.

As grandes cerimónias são as de *ad petendam pluviam*, que são presididas pelo régulo, ou chefe indígena, acolitado pelo feiticeiro ou feiticeiros. Estas são, digamos, cerimónias colectivas.

Por último o cipai foi categórico ao afirmar que o *Nacurro* era o chefe de todos os *Minepas* da região de Nampula.

Há pois que concluir que o *Nacurro* é um *Minepa* de extraordinária importância e valia, visto ser um *Minepa-Chefe*.

Como dissemos atrás, é crença geral que o *Minepa* é ajudante de Deus.

Ao tentarmos averiguar o significado da palavra *Minepa* e da essência da entidade que esta palavra representa, não pudemos

(1) *Monhé* é o nome que em Moçambique dão ao asiático indiano. Os asiáticos naturais da Índia Portuguesa, Goa, Damão e Diu, são geralmente chamados *canecos*.

esclarecer suficientemente como os pretos compreendem aquela entidade.

Se por um lado a consideram corporizada e viva, na figura «de gente», como atrás referimos, por outro lado atribuem-lhe carácter de entidade mítica, invisível, com poderes sobrenaturais, tão grandes que a consideram ajudante de Deus.

Embora os pareceres de outros indígenas que inquirimos sobre os *Minepas* fossem, dum modo geral, concordantes com o que nos dissera o cipai, julgo não ter ficado suficientemente esclarecido sobre o conceito, ou conceitos, que do *Minepa* têm os indígenas.

Facto estranho, e que me espantou, foi o de o cipai dizer que a palavra *Minepa* significa diabo, e que diabo, na opinião geral, era, nem mais nem menos, do que a alma dos pretos que morriam.

Acreditam num Deus, «que está lá em cima e manda em tudo», e que o *Minepa* «se entende com Ele»: por isso é ao *Minepa* que formulam os seus pedidos.

Estranha coisa de ser um diabo a levar a Deus as petições dos homens, e certamente, a interceder para que as mesmas sejam satisfeitas.

Faz lembrar aquele aforismo jocoso, que tantas vezes tenho ouvido, «Deus é bom, mas o diabo não é tão mau como o pintam».

O Malaíca fantasma marinho

Colhemos várias notas sobre outro fantasma moçambicano de crença fortemente arreigada na região de Chicapa, na costa marinha ao sul de Porto Amélia, norte de Moçambique.

Tivemos conhecimento desse fantasma, o MALAÍCA, ao estudarmos as ruínas de Gomène, situadas a um pouco mais de meia distância de Porto Amélia a Mecúfi, perto da aldeia indígena de Chicapa e a umas quatro centenas de metros da estrada.

O MALAÍCA pela sua qualidade de fantasma, e ainda, como vamos ver, por ser alvo de culto, na qualidade que parece ser-lhe atribuída de mensageiro junto de Deus dos problemas, doenças e

angústias que afligem os homens, numa palavra, dos sofrimentos humanos, pode ser considerado um *minepa do mar*. Como as ruínas de Gomène abrigavam o *niñulo*, terreirinho circular com cerca de 3 metros de diâmetro, onde os pretos iam fazer cerimónias religiosas de culto aos espíritos e evocação das almas dos mortos, com finalidades de várias naturezas, há que dizer, sucintamente, o que são as ruínas de Gomène e as cerimónias culturais ali realizadas.

Ruínas de Gomène

Estas ruínas ficam próximo da Chicapa, aldeia indígena à borda da estrada e a sul de Porto Amélia.

Estão situadas na planura duma espécie de promontório sobranceiro ao mar, constituindo falésia, que, sobre a praia, terá uns 7 a 10 metros de altura.

Foi por esta falésia que tivemos de subir, na nossa primeira visita seguindo o guia informador, quando o certo é que o acesso pelo lado da estrada é facilimo.

Trata-se dum velho recinto muralhado que deve ter sido construído há muito tempo, a ajuizar pela existência dentro do recinto de grandes *mulapas*. Uma destas árvores, que está precisamente no alinhamento da muralha, tem pedras da mesma espetadas na base do seu grosso caule, em consequência do crescimento irradiante do mesmo (Fig. 2 a 5).

A muralha feita de pedra seca, derruída em alguns troços, está, no entanto, bastante bem conservada na maior parte da sua extensão, com uma altura média de um metro. Em alguns pontos atinge dois metros. Na base tem 80 a 90 centímetros de grossura.

O régulo local, Macussi, disse-nos que quem fez aquela fortaleza foi o Marrôrro, «seu avô muito antigo, de há mais de vinte vidas». Acrescentou que tudo aquilo foi feito por ordem, e sob a direcção, dum branco que ali deixou ficar Vasco da Gama, quando seguiu para a Índia.

O recinto abrangido pela muralha é irregularmente arredondado, com 83 metros de comprimento por 77 de largura. O seu perímetro totaliza 245 metros.

Com cerca de uma centena de trabalhadores, em 4 dias de serviço, limpamos o recinto de arbustos e ervagem, desafogamos a periferia das muralhas e um grande terreiro, fora delas, para o lado da terra. Deste terreiro abrimos uma estrada numa extensão de cerca de 400 metros a entroncar na estrada de Porto Amélia a Mecúfi. Ali pusemos uma tabuleta a assinalar as ruínas.

Abrimos duas pequenas valas exploradoras no interior do recinto.

A cirandagem de alguns metros cúbicos de terra escavada forneceu bastantes conchas de moluscos, fragmentos de cerâmica manual indígena, alguns ossos calcinados, um sílex subquadrado, talhado em bisel, pedra do cão das antigas espingardas de pederneira, e algumas contas de vidro de várias formas e tamanhos.

Se os trabalhos de gabinete da Missão Antropológica de Moçambique não tivessem sido extintos, ex-brupto, em 1958, o estudo destas ruínas teria sido acabado e, seguramente, publicado.

Aguardemos confiadamente que venham a ser recriados trabalhos de gabinete, para o estudo dos muitos materiais que foram colhidos nas seis campanhas da Missão Antropológica de Moçambique, e estão em arquivo no Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia», da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Práticas rituais realizadas nas ruínas de Gomène

Quando soube que aquelas ruínas eram sítio de especial veneração dos indígenas, tratei de solicitar a colaboração do régulo no sentido de que a nossa intromissão nas mesmas não constituísse afronta lançada à face dos pobres pretos, nem tão pouco um ultraje aos seus costumes religiosos.

Era necessário fazer cerimónia prestando culto ao minepa MALAÍCA e às almas dos antepassados, e, ao mesmo tempo, para que os nossos serviços corresse sem contratempo, nomeada-

mente que ninguém fosse mordido por cobras ou outros animais venenosos.

E assim é que, antes de começarmos os trabalhos, o régulo Macussi Marrôro, que é o *m'beuè mulupáli*, ou seja, o régulo grande daquela região, ali foi acompanhado dos seus conselheiros e, seguramente, do feiticeiro ou feiticeiros, como é de regra.

Agruparam-se junto do *niñulo*, o tal terreirinho que tinha algumas pequenas pedras no meio e que conservam sempre limpo de ervas e bem varrido (Fig. 6).

Conferenciaram a meia voz, depois do que se puseram de cócoras, agachados em torno do *niñulo* (Fig. 7 a 9).

Em seguida, primeiro o régulo e depois um ou outro dos seus conselheiros, falaram durante um bom par de minutos.

Terminada aquela cerimónia propiciatória pudemos iniciar os trabalhos, com a certeza de que se tinham aplacado as almas dos seus mortos e o MALAICA fantasma ficava, seguramente, agrado com a homenagem que lhe acabava de ser prestada.

Deste modo, livres de qualquer acometimento vingativo das entidades sobrenaturais referidas, os serviços correriam em ambiente tranquilizador.

Acompanhado pelo Macussi Marrôro percorri o recinto. Em vários sítios viam-se vasilhas de barro, umas inteiras e outras mais ou menos fragmentadas, restos de antigas cerimónias rituais.

Dei ordem expressa aos trabalhadores para não tocarem em nenhuma daquelas panelas de barro ou seus fragmentos. Tudo devia ser deixado tal como fosse encontrado.

O régulo explicou-me que ali acorriam os indígenas para a prática de ritos de vária natureza.

Um destes ritos é o *Ochinda orréta* celebrado na presença do *colocana*, o doutor indígena, que, segundo parece, é o oficiante.

Ochinda é palavra que significa acabar, e *orréta* doença. Esta cerimónia realizam-na com finalidade medicamentosa.

O *colocana* acompanhado por familiares do doente e também por este, se o puder fazer, formam comitiva e vão todos ao Gomène.

Uma vez ali, junto duma grande *mulapa* fazem os habituais montinhos de farinha, colocam ao pé da árvore a panelinha de

barro que trouxeram de casa com comida, e fazem a evocação dos espíritos implorando a cura do doente.

Depois, um homem que saiba nadar, leva a panelinha à cabeça e vai caminhando mar a dentro até que a água lhe chegue à boca. Então mergulha muito devagarinho, larga a panela e nada para terra.

Outra cerimónia que, também ali costumam fazer é a *Ochinda carramo ákuè*. *Ochinda*, como já vimos, significa acabar, *carramo* é leão e *ákuè* morrer ou matar. Fazem-na quando a fera, quase sempre um leão velho, ronda o povoado e se habituou a caçar e a comer gente. Então tratam de organizar a caça àquele leão comedor de gente, e a primeira coisa a fazer é a *Ochinda carramo ákuè*, acto propiciatório do bom êxito da caçada.

Nesta cerimónia a comida é deixada no chão junto da *mulapa* ou no sítio que foi escolhido, e pode ser algures junto da muralha.

O Malaíca

O Malaíca é um fantasma marinho.

Aparece em forma de fogueira ou labareda na superfície do mar. Umas vezes delgada como o braço duma pessoa e alta, podendo atingir a altura duma grande *mulapa*, mais de 15 metros. Outras vezes pode encolher e engrossar como o corpo duma pessoa ou ainda mais grosso.

Aquele fogo aparece sempre no mar. Pode manter-se algum tempo em luz viva e resplandecente. Depois de se apagar, pode ir acender noutro ponto, mais ao mar ou mais à terra.

As suas deslocações podem ser pequenas ou amplas, e, neste caso, pode vir à terra. Já se tem visto vir até à grande *mulapa* onde se leva a panelinha com comida para a cerimónia *Ochinda òrreta*, a que atrás nos referimos. É, coisa estranha e singular, aquele fogo em labareda trepa ondulante pela árvore acima sem a queimar ou sequer a chamuscar.

Aquele estranho lume de luz fria, que não queima, não é pròpriamente fogo, visto que não queima nem faz arder aquilo em que toca ou incide.

Na língua regional lume e fogo em labareda exprimem-se pela palavra *môrro*.

Pois bem, àquele lume em labareda do *Malaíca*, um fogo que não queima, chamam *namuengue*.

«*Malaíca* quando se desloca sobre o mar ou na terra está a voar. Tem asas e não tem pernas, por isso não pode andar, só voa.

«Quando está sentado é como uma pessoa sem pernas. O corpo é peludo e o pêlo todo branco.

«Quando a gente está a sonhar de noite, *Malaíca*, a voar pode vir ter com uma pessoa».

Em Nacala, informaram-me o seguinte, que vai também nos próprios termos em que me foi dito: «*Malaíca* é preto doente com espírito metido dentro do corpo, e, para curar, tem que ser tratado pelo *colocana*».

Será a figuração humana, embora sem pernas, que, no conceito indígena, lhe atribui a qualidade de *minepa*, e, concretamente, de *minepa* marinho?

No entanto julgo que mais se pode considerar o *Malaíca* como uma sereia voadora, com o corpo incandescente em labareda.

Procurei averiguar quais as circunstâncias em que aparecia o *Malaíca* e se poderia provocar-se o seu aparecimento com a realização de adequadas cerimónias apelativas ou de chamamento. O resultado foi nulo.

Parece poder concluir-se que o aparecimento do *Malaíca* é esporádico e puramente acidental.

Tentei averiguar se o aparecimento deste fantasma de fogo era sempre considerado de bom agouro ou se, em alguns casos, era considerado de mau preságio. E, mais ainda, num ou no outro caso, quais eram as práticas rituais a realizar, como propiciação benéfica ou como esconjuro de possíveis acções maléficas.

Este meu inquérito também foi baldado.

Como é natural, os indígenas mantêm atitudes de certo grau de reserva no que respeita a alguns dos seus usos e costumes, e, muito especialmente, quanto às suas práticas religiosas, sobretudo quando nelas interferem entidades sobrenaturais, como é o caso dos fantasmas *Minepa* e *Malaíca*.

Conclusões

As duas entidades sobrenaturais referidas são fantasmas aos quais a crença dos indígenas atribui existência real e grandes e extraordinários poderes.

Pelo que respeita ao *Minepa* ou *Menepa* talvez possa atribuir-se a esse gigantesco e fantástico personagem um adiantado conceito teológico.

O seu grande tamanho, gigante com 5 a 6 metros de altura, a sua força enorme e descomunal, a ponto de poder pegar num automóvel com a facilidade com que nós pegamos numa caixa de fósforos, e, sobretudo, a unidade mítica deste fantástico personagem, só com uma perna, um único braço, e só com um olho a meio da testa, pode supor-se que reflecte a ideia da unidade de Deus.

Tal como sucede noutros casos similares, o nome de *Minepa* tanto se dá ao fantasma gigante como aos sítios onde se vai evocar esta entidade sobrenatural e se lhe presta culto.

O mesmo sucede com os *Muzimos* da Zambézia ⁽¹⁾ que é o nome dado tanto aos locais, grandes pedras ou árvores, onde se realizam as práticas rituais, como às almas dos mortos, que ali se evocam e a que se presta culto.

É bem flagrante a dualidade do *Minepa*.

Fantasma que se dilui e difunde, não podendo ser visto por olhos humanos, mas que pode corporizar-se na figura antropomórfica referida, e descer ao povoado, como é crença ter sucedido, e mais de uma vez, em Nampula.

(1) J. R. dos Santos Júnior, *Alguns «Muzimos» da Zambézia e o culto dos mortos*, in «Congresso Colonial» (IX Congresso) dos «Congressos do Mundo Português», Tomo 1.º, 1.ª Secção, Lisboa, 1940, pág. 357-377, e 10 figs.

Muzimo é palavra que significa «alma dum morto». Assim quando alguém se refere aos seus muzimos é o mesmo que dizer aos seus finados, isto é, às almas dos seus antepassados.

Por generalização chamam também *muzimos* aos lugares sagrados (penedo ou grande árvore) onde os indígenas vão invocar essas almas, levando-lhes oferendas de comida e de bebidas, que ali deixam em vasilhas de barro ou entornam no chão junto da pedra ou árvore sagradas.

O seu carácter dual expressa-se em atitudes de bondade, oferecendo «àqueles que lhe falam com respeito» grandes pedaços de carne dos animais por ele abatidos na serra, ou de maldade assassina, matando gente, como desforço enraivecido, por os *minepas*, lugares sagrados onde se lhe presta veneração, terem sido sacrilegamente visitados por brancos.

Ser benfazejo acende fogo no alto da serra a avisar que está para vir a chuva criadora, e, por isso, serem horas de preparar as terras para as sementeiras, mas também ser maléfico, infundindo tão grande temor aos pretos que nenhum se atreve a subir a serra Cocóla, a não ser em grupo e custodiados pelo feiticeiro.

O *Minepa* é quase onnipotente, porque, sendo *ajudante de Deus*, pode dar tudo quanto se lhe pede. E, certamente também pela mesma razão, goza do singular poder da omnisciência, pois, como atrás dissemos, é crença de que na altura em que dele falávamos e no propósito de ir à serra Cocóla, o *Minepa Nacurro*, naquele preciso momento, tinha conhecimento da nossa conserva e do nosso propósito.

Facto bastante estranho, e que me espantou, é o de considerarem o *Minepa* como um diabo. Digo um diabo porquanto os pretos da região de Nampula acreditam pelo menos em dois diabos. O *Minepa*, que é grande e o *Nissepa* que é pequenino.

Ao tentarmos apreender o conceito que os indígenas fazem destes seres fantásticos, ora benfazejos, ora malfazejos, o nosso embaraço aumentou quando nos disseram que há mais diabos.

Assim *Gini* «é um diabo que tem forma de pessoa, traz um pano nos olhos, e só vem quando uma pessoa está doente e se mete dentro dela».

Chetuane «é outro diabo que se mete na cabeça das pessoas, especialmente na das mulheres».

No que se refere ao *Malaica* os elementos que pude colher não foram muitos nem pormenorizados.

Trata-se, como vimos, de um lume vivo, resplandecente, que nasce à superfície do mar, em labareda, umas vezes esguio e comprido em altura, outras vezes curto e abarrilado. De vez em quando apaga para reacender aqui ou ali, mais ao mar ou mais à terra.

Pode mesmo vir pr'á terra e enroscar-se nas árvores, lambendo-as em labareda, sem as queimar nem sequer as chamuscar.

Trata-se pois de luz fria, como é própria de alguns animais fosforescentes.

É bem possível que o relativamente frequente fenómeno da fosforescência marinha das ondinhas a quebrar na praia, tenha levado a imaginação dos indígenas a altear aquele lume em labareda, e a criar o mito do *Malaíca*.

Como aquele lume se acende e apaga, para logo reacender mais além, a imaginação que criou aquele fantasma não podia deixar de lhe pôr asas, que lhe permitem voar a seu bel prazer.

Atribuem ao *Malaíca* «corpo de pessoa sem pernas, todo coberto de pêlos brancos».

A humanização deste fantasma, embora com agenesia dos membros inferiores e com asas, dará aos crentes desta fantasmagoria o sentimento de que tal humanização permitirá ao *Malaíca* perceber, e apreciar com justeza, as agruras, as necessidades e os padecimentos dos humanos, quando imploram a sua protecção mirífica.

E assim pôde ter sido criado e corporizado este maravilhoso fantasma.

Parece poder considerar-se uma curiosa modalidade do poético mito de sereia, vastamente difundido no mundo.

Nota final. Plínio na sua célebre obra, *História Natural*, em 27 volumes, fala da existência de homens estranhos.

Entre eles fala de homens com um único olho no meio da testa.

Quem sabe se os marinheiros romanos navegando pelos mares africanos teriam ouvido falar dos *minepas* e disso deram conhecimento a Plínio, que era, como que, o almirante da esquadra romana.

Para os indígenas o *Minepa* é, como vimos, uma figura antropomórfica real, com as singulares características morfológicas referidas e dotado de grandes e maravilhosos poderes. O relato a Plínio do que fora ouvido algures transformou o mito em realidade concreta.

Résumé

Le MINEPA et le MALAÍCA sont deux fantômes créés par l'imagination prodigieuse des nègres du Mozambique, Afrique Oriental Portugaise.

J'ai eu connaissance de ces deux fantômes pendant les campagnes de travaux de la Mission Anthropologique du Mozambique, de laquelle je fus le chef pendant une vingtaine d'années.

Les *Minepas* sont des personnages gigantesques de figuration humaine, avec 5 à 6 mètres haut.

Ils ont remarquable particularité unitaire, à savoir: une seule jambe, un seul bras avec un seul doigt, un seul oeil au milieu du front, une seule oreille et, au sommet de la tête, un seul cheveu.

Le plus important de tous les autres *Minepas* de la région de Nampula (nord du Mozambique) est le NACURRO qui, au dire des nègres, est le chef de tous les autres *Minepas* de la région. Il vive seule à la montagne Cocóla, auprès de Nampula.

Ce *Nacurro*, comme tous les autres *Minepas*, a le pouvoir de se rendre invisible aux yeux humains, néanmoins, même invisible, il continue à voir les hommes, et il peut se corporiser en figure humaine avec les caractères indiqués dessus.

C'est un personnage mythique, qui, à la croyance des nègres, a des grands pouvoirs, parce qu'il est aidant du bon Dieu.

Il a grande force, en accord avec son gigantisme, et le grand pouvoir de faire tout ce qu'on le demande pendant le cours des pratiques rituelles.

Les nègres le considèrent omnipotent.

Mais il est aussi omniscient, parce qu'il sait tout.

Il jouit d'une étrange dualité.

Est bon pour ceux qui le respectent, mais il est mauvais, pouvant tuer les hommes.

C'est à cause de ça que les nègres ont un peur terrible de monter à la montagne Cocóla où vive le *Nacurro*.

Les nègres racontent plusieurs bienfaits des *Minepas* comme intermédiaire entre les hommes et le bon Dieu.

C'est étonnant qu'ils les considèrent comme un diable.

Il faut dire un diable parce que pour les indigènes il-y-a plusieurs diables. *Le Minepa* est un diable grand. Ils croient en un autre diable, le *NISSEPA*, qui est très petit.

Le *GINI* est un diable qui a le corps humain, et porte un drap sur le yeux. C'est un personnage masqué qui vient quand quelqu'un est malade et se met au dédain de son corps.

Le *CHETUANE* est un autre diable qui se met au dédain de la tête des personnes, surtout aux têtes des femmes.

Le *MALAÍCA* est un autre fantôme resplandissant en feu vif.

Il naît à fleur de la mer en flamme éfillée et longue, parfois avec une dizaine de mètres. Mais il peut se raccourcir, et donc se rendre court et arrondi, en forme de tonneau.

Ce feu peut venir même à la terre, se plier en rond montant le tronc des arbres, les léchant sans les brûler, ou, du moins, les flamber. C'est un feu froid, comme est propre d'un certain nombre d'animaux, surtout vivant à la mer.

Pour les nègres, le *Malaíca* a le corps humain sans jambes et tout garni de poiles blancs.

Comme le *Malaíca* s'allume et s'éteindre pour, tout de suite, se rallumer plus loin, à l'imagination qui a créé ce fantôme, ne pouvait manquer d'arriver à lui donner des ailes, que lui donnent la possibilité de voler à son plaisir.

Aussitôt que nous avons entendu les nègres raconter à l'égard du corps du *Malaíca* qu'il n'avait des jambes et avait des ailes, tout de suite je pensais que pouvais le considérer comme une curieuse modalité du mythe de la sirène, largement répandu au monde.

Comme note finale je rapelle que Plinio dans sa célèbre oeuvre *Histoire Naturelle*, en 27 volumes, parle d'hommes étranges avec un seule oeil au milieu du front.

Comme nous avons vu, l'imagination des nègres a donné au *Minepa* cette particularité.

Nous pouvons penser que les marins romains, qui ont, certainement, navigué au long des côtes atlantiques d'Afrique, ont apporté à Plinio, qui était le chef, on pourra dire l'Amiral, de la flotte ou

force naval romaine, tout ce qu'ils ont vu et entendu pendant ses longues voyages.

Les informateurs de Plinio lui faisant le récit de ce qu'ils ont entendu, ont transformé le mythe en réalité concrète.

Summary

The MINEPA and MALAÍCA are two ghosts created by the fanciful imagination of the natives of Mozambique.

I heard about these two ghosts during my stay in Africa as head of the Anthropological Mission of Mozambique.

Minepa is a fantastic personage with an enormous human body, height of 5 or 6 meters. It has only one leg, only one arm with a sole finger, only one eye in the middle of the forehead, only one ear, and only one hair on the top of the head.

It has a great force according its vast corpulency and the extraordinary power of doing everything it is asked to do, because is regarded as assistant of the God.

To the natives it is omnipotent, because it is able to do all it is asked to do, and omniscient, because it is cognizant of all.

Near Nampula, in north Mozambique, there is a very important *Minepa* named NACURRO that lives in the Cocóla mountain.

It enjoys strange dualities.

It has twofold natures. It can be invisible but can assume the material form of human body with the anatomic caracteres above indicateds.

It is good.

To the natives that look it with respect and show signs of fear, it gives flesh of the big game it shoots on the Cocóla mountain.

Lighting large fires on the top of the mountain it advises the natives that in a few days will have rain and they must make the ground ready for sowing.

It is bad.

It can kill human creatures. So the natives never go up the Cocóla mountain overrunning its dominions.

To the natives, on the one hand, it is assistant of God, but, on the other hand it is a devil, a great devil.

They believe another devil, the NISSEPA, that is very little.

GINI is a masked devil, with the eyes covered with a cloth, that come into the body of the diseased persons.

CHETUANE is another devil. This one goes into the heads of persons, specially into the heads of women.

The MALAÍCA is another ghost dazzling in bright fire.

It springs up on the surface of the sea like a thin and elongated flame, sometimes 10 meters long. But the flame can get smaller, then shortly take the size of human body or of a barrel.

The fire of *Malaíca* sometimes comes at earth, and rolls round the trees licking them but without burning or singeing.

Is a cold light, as is peculiar of some luminous animals.

To the natives the Malaíca has a body like human body, but without legs and clothed with white hair.

As the Malaíca can set or put out the fire, to light immediately far away, it has wings.

Like this we can say that *Malaíca* is an interesting modality of the myth of the mermaid largely spread on the world.

Final note. Plinio in his treatise *Natural History* in 27 volumes, write about strange men with only one eye in the middle of the forehead.

As we have seen the imagination of the natives ascribe to the *Minepas* this particularity.

It is possible that the roman sailors that, certainly, sailed along the african coasts, brought to Plinio, that was the chief, we can say the Admiral, of the roman fleet, all that they had seen and had heard through their lengthy voyages.

The informers of Plinio reporting what they had heard, transformed the myth in verity.



Fig. 2 — Aberta rasgada na muralha que parece ter sido uma porta de entrada no recinto do Gomène

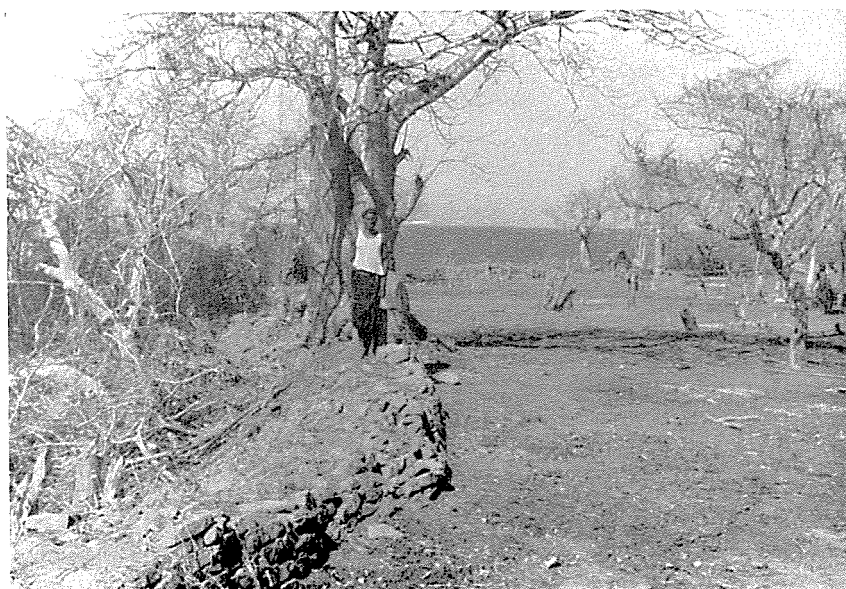


Fig. 3 — Aspecto parcial do recinto muralhado. À esquerda troço de muralha bastante destruído. Ao fundo a muralha sobranceira ao mar



Fig. 4 — Ângulo fundeiro da muralha que, depois de inflectir, segue paralela e sobranceira à praia



Fig. 5 — Aspecto da muralha do lado sul com cerca de 2 metros de altura



Fig. 6 — O terreirinho, *niñulo*, sempre limpo de ervas e bem varrido

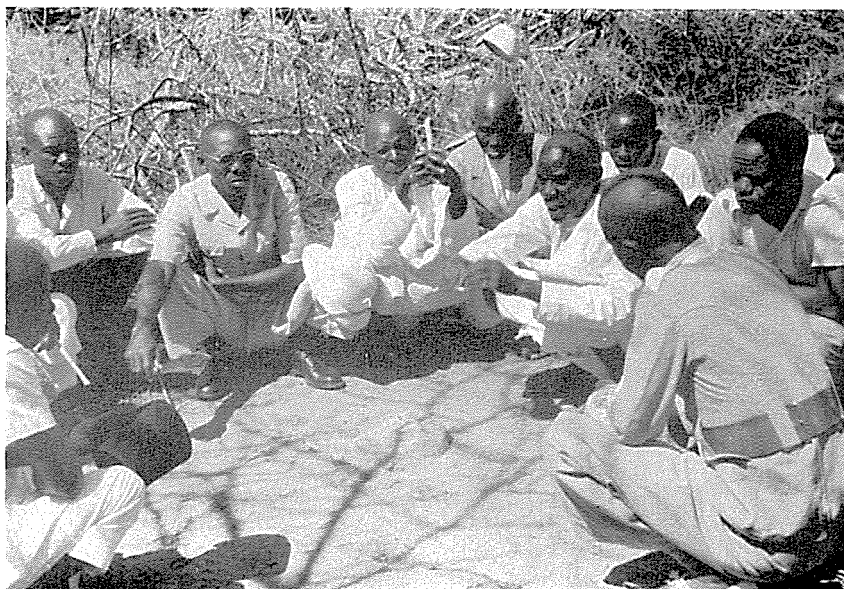


Fig. 7 — O régulo Macussi Marrôro, fardado, o primeiro a contar da direita, rodeado pelos coadjutores, no início da cerimónia



Fig. 8 — Um dos coadjutores em dada altura da sua prédica ergueu-se e continuou a falar de pé

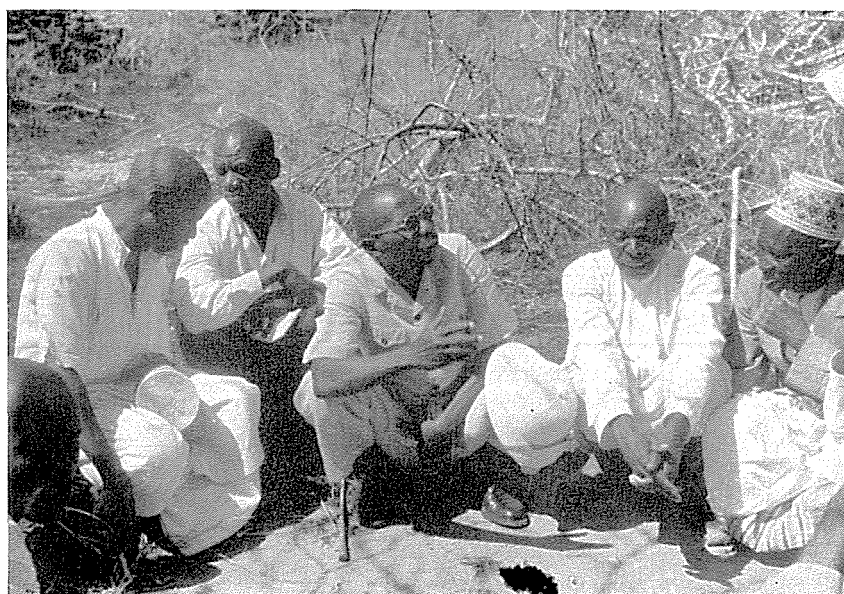


Fig. 9 — Um coadjutor falou de cócoras acompanhando a sua prédica com gestos do braço direito. À sua esquerda um dos presentes em atitude de recolhimento e de mãos postas

Os Sabeler — uma família de pescadores ⁽¹⁾

POR

Agostinho Farinha Isidoro

Naturalista do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»
da Faculdade de Ciências do Porto
e Bolseiro do Instituto de Alta Cultura

Pelos meados do século XIX havia em Espinho cerca de 50 *mugigangas* e várias *companhas*, destinadas à pesca no mar.

As *mugigangas* eram redes de algodão com uns 4 a 5 metros de altura e 15 a 20 de comprimento, usadas na pesca do arrasto para bordo na zona costeira.

Eram transportadas em pequenos barcos chamados *bateiras*, de dimensões inferiores às bateiras das *companhas*, impelidas a remos ou à vela.

Levavam a bordo quatro ou cinco homens e um *moço*, como tripulação.

Estas bateiras, apesar de serem de pequeno porte, já atingiam os pesqueiros a duas milhas da costa, isto é, a 15 e a 20 braças.

Os homens das *mugigangas* trabalhavam quer de dia, quer de noite e pescavam principalmente o linguado, a faneca, o camarão, o caranguejo, algum raião e polvos.

Na viagem para o pesqueiro dois dos homens iam sentados ao remo da proa, também chamado o *maião*, de costas para a proa e outros dois sentados ao remo da ré, também designado por *remo da proa* e de costas voltadas para a proa.

(1) Comunicação apresentada ao «Colóquio de Matosinhos», realizado de 7 a 11 de Julho de 1964.

O outro homem, o *arraís*, ia em pé voltado de frente para a proa a governar a bateira.

Chegados ao lugar do pesqueiro sondavam a profundidade do mar e a natureza do solo com a sonda de mão, constituída por um cordel, com a marca das braças, chamado *fieira*, que tinha preso na extremidade mergulhadora um quilo de chumbo em tronco de cone, côncavo na sua porção inferior, a que davam o nome de *chumbeira*. A concavidade era cheia com sebo duro, geralmente velas de sebo de Holanda, e ao tocar no fundo do mar, conforme a natureza do solo, trazia ou não partículas aderentes.

A aderência de areia fina ou lodo ao sebo, indicava a possibilidade de existirem linguados, azevias, marmotas, alguns ruivos, chocos, caranguejos, etc.; a aderência de areão e pequenos calhaus ou marcas das pedras, indicava a existência de fanecas, cação, etc.

Reconhecida a existência de peixe num determinado lugar do fundo do mar, os pescadores fundeavam a bateira com um ferro chamado *fateixa*, preso a uma corda de espessura média.

À superfície da água, junto à bateira e presa à corda da *fateixa*, colocavam uma bóia de madeira, em forma de barril, denominada *odre*, com uns 80 a 90 cm de altura.

Na face superior da bóia, que ficava emersa, prendiam uma campainha que, com a ondulação do mar, tocava ininterruptamente, e lhe servia de ponto de referência durante a pesca.

A seguir prendiam o cabo *rassoero* à bóia, lançavam ao mar a rede, denominada *mugiganga* e descreviam com a bateira um círculo levando a extremidade do cabo chamado a *mão da barca*, até ao ponto de partida, isto é, à bóia.

As *mugigangas* já não existem hoje em Espinho. Encontrámo-las em outras praias do norte do País, nomeadamente em Matosinhos, mas em pequeno número.

*

* *

As *companhas*, conjunto de rede, dois barcos e 60 homens, destinam-se, na costa de Espinho, essencialmente à pesca da sardinha pelo processo do arrasto para terra.

Há 40 anos havia em Espinho umas 7 *companhas*. Hoje há apenas uma e outra em Ovar.

Dos 60 homens da *companha*, 24 trabalham em terra no conserto das redes e 36 a bordo.

Antigamente as *companhas* trabalhavam quer de dia, quer de noite, mas agora apenas de dia.

Ainda hoje, mantendo uma tradição antiga, o patrão da *companha* avisa os pescadores que nela trabalham e os donos do gado que arrasta a rede do mar para terra, que é dia de trabalho, mandando içar no areal da praia uma bandeira, chamada *pendão*. É quando a *companha* sai para o mar, um dos pescadores, denominado *chamadoiro*, vai pela terra dentro e avisa os donos do gado para se prepararem para o arrasto das redes. Este aviso é feito ao toque duma corneta ou ao som dum búzio ⁽¹⁾.

Antigamente uma *companha* ia ao mar 4 e 5 vezes num só dia.

A rede usada pela *companha* tem cerca de 240 metros de comprimento. É constituída por duas *mãos* de rede, cada uma com 110 metros, separadas pelo saco que mede 20 metros. Este é reforçado a meio por uma rede de malha mais grossa, chamada *funda*, para evitar a sua rutura quando a pesca é mais abundante.

A cada extremidade da rede está ligado um cabo de corda. Cada um deve medir de comprimento uns 2500 metros.

Quando o barco sai para o mar, um dos cabos, o *rassoeiro*, fica preso a uma estaca espetada no areal da praia, chamada *bordão*. O outro cabo é a *mão da barca* que é levado pelo barco juntamente com a rede e os homens da pesca.

A *companha* tem dois barcos, mas só um é usado em cada ida ao mar. O outro fica na praia como suplente.

O barco, ao afastar-se da costa, vai largando o *cabo rassoeiro* até chegar ao lugar do pesqueiro.

Aqui os pescadores fazem o cerco, puxando a rede em arco.

(1) Em Aldeia da Mata, freguesia do concelho do Crato, há uns 40 anos, quando ali as mulheres se reuniam em ranchos para a apanha da azeitona, eram as mesmas agrupadas de madrugada, num determinado lugar da povoação, ao som do búzio, tocado pelo *manajeiro*.

A seguir trazem o cabo a *mão da barca* para terra. Então prendem sete juntas de bois a cada cabo e estas arrastam a rede até que as suas extremidades alcancem a terra. Daqui em diante são os pescadores que arrastam a rede para lhe darem a orientação que mais convém e evitar a fuga do peixe.

A sardinha chega à praia viva, a saltar e morre em pleno areal, o que, segundo nos informaram, torna-a mais saborosa e possivelmente justificava os antigos pregões ouvidos nas ruas da cidade do Porto:

«*Vivinha de Espinho a saltar*» e
«*Ó de Espinho viva*».

Em seguida a sardinha é colocada na praia aos montes, designados por *macolas*.

O pescador de Espinho diz: hoje pescámos tantas *macolas*, como em Matosinhos dizem: hoje pescámos tantos *cabazes*.

Uma *macola* deve ter umas 1000 sardinhas e corresponde a um saco de rede chamado *rapichel*, meio de sardinha. A sardinha dum *macola* chegava para três a quatro *vareiras* venderem de porta em porta.

O *rapichel* enche-se com um saco de rede de capacidade menor, chamado *nassa*, que tem um arco na boca.

Os donos das *companhas*, eram geralmente os arrais, que também trabalhavam nas mesmas.

*

* *

Um dos arrais que mais se distinguiu na pesca da sardinha em Espinho foi o Tio Zé Sabeler, apelido que lhe veio, segundo dizem, de quando alguém necessitava que lhe fizesse uma conta mais difícil lhe diziam: Vai ao Tio Zé que ele sabe ler.

Dizem que era um homem bom, altruísta e de bom carácter.

Conta-se que um dia, em plena rua de Espinho, tirou o casaco para agasalhar um pescador que ia preso, em camisa e sob a chuva

e que, repreendia as *vareiras*, quando lançavam muito dinheiro na sardinha que ele vendia na praia.

Há uns 100 anos, entre 1834 e 1870, o mar iniciou a invasão da costa em Espinho e na sua fúria, destruiu as casas de muitos pescadores, incluindo as 5 casas do Tio Zé Sabeler.

Um vate desconhecido assim se expressou nos versos que ouvimos de bondosa velhinha octogenária, também dos Sabeler:

*A todos faz chorar,
A quem Espinho for ver,
Os pobres dos pescadores,
Não têm onde viver!*

*Oh mar! Que foste fazer?
Já não tenho onde estar!
Minha terra não disfarço,
Obrigo-me a retirar!*

*Chegou à Rua da Palma,
À do Provérbio Conflor,
Na praça Velha União,
Entrou o mar com rancor.*

*Dizem que é de Leixões,
Esta desgraça fatal.
A rainha de Portugal,
Mandou tirar subscrições.*

Esta última quadra foi-me dita também assim:

*Dizem que é de Leixões,
Esta desgraça fatal,
A rainha de Portugal,
Mandou fazer pavilhões.*

A transgressão marinha foi tão extensa que os pescadores de Espinho costumavam dizer: «há casas no largadouro das com-panhas».

A destruição progressiva das casas dos pescadores pelo mar, o rareamento da sardinha na costa de Espinho e, a agitação do mar ali, não permitia às *companhas* fazerem-se ao mar tantas vezes quantas era de desejar. Daí o êxodo que se verificou então, de muitas famílias de pescadores de Espinho para a Afurada e Matosinhos. A princípio estas famílias faziam nestes lugares apenas *épocas de pesca*, mas depois fixaram-se.

Uma das famílias que se fixou na Afurada foi a do Tio Zé Sabeler, que por vários anos se dedicou ali à pesca da *mugiganga*, às *peças* e à *pesca do sável*.

A *peça* é uma rede de uns 2 metros de comprimento por uns 2 metros de largura ⁽¹⁾ que se usa ainda na pesca da sardinha. Os pescadores de então armavam esta rede próximo e ao longo da costa, não só porque a costa tem uma orientação norte-sul, mas ainda porque a experiência ensinou-os, dizem eles, que a sardinha no *acejo*, isto é, ao pôr do sol, vem em maior quantidade do mar para terra, e ao *alvor*, isto é, ao romper do dia, vai em maior quantidade da terra para o mar

Esta rede, quando armada na água não toca no fundo mas mantém uma relativa fixidez, devido ao chumbo que tem preso à base inferior.

Dizem em Matosinhos que a sardinha das *peças* é mais saborosa do que a das *traineiras*, por sangrar ao emalhar-se na rede.

Ainda hoje se pesca a sardinha com as *peças* em Matosinhos, especialmente no *defeso* da pesca da sardinha que tem sido oficialmente mantido nos meses de Janeiro a Abril de cada ano.

A pesca do sável fazia-se então no Rio Douro, nos lugares: Sobreiras, Cabedelo, Insa, Rio de Baixo e Fonte do Preto ⁽²⁾, pelo processo do arrasto, como a pesca da sardinha em Espinho pelas *companhas*. Na pesca do sável o arrasto da rede era feito

⁽¹⁾ Agora as *peças* em Matosinhos, têm cerca de 50 metros. Há em *Matosinhos*, barcos pequenos a motor, que ligam as *peças* umas às outras, numa extensão de uns 500 metros e são armadas no alto mar (40 a 50 braços).

⁽²⁾ Ainda hoje se pesca o sável no Rio Douro, no entanto onde ela é mais abundante é no mar, não só junto à foz como no alto mar, até 30 a 40 braços. A rede mais usada agora é a de emalhar, chamada *tremalhos*.

pelos homens, na da sardinha pelos bois até a rede atingir a terra. A rede do sável era mais pequena que a das *companhas*.

No dia 16 de Junho de 1884, quando o velho Sabeler regressava da pesca da *mugiganga*, no seu barco saveiro, com mais quatro homens a bordo, dois dos quais eram seus filhos, ao chegar à entrada da barra do Douro, veio *uma volta de mar*, que virou o barco.

Todos os pescadores se salvaram excepto o velho Sabeler, que, por falta de forças físicas foi levado pela corrente do Rio.

O filho mais velho, José Ferreira Neto, a quem estava reservado um papel preponderante no progresso da pesca em Matosinhos, tentou soltar-se da bateira para salvar o pai, mas este, velho lobo do mar, conhecedor dos riscos que o filho ia correr, disse-lhe que não fizesse tal, pois morreria também com ele. Um pouco antes de perecer afogado pediu ao filho que cuidasse da mãe e dos irmãos, o que ele cumpriu religiosamente.

Uns dias depois o corpo do velho Sabeler arrolava à costa, a norte da Póvoa de Varzim, no lugar de Navais, em cujo cemitério ficou sepultado.

*
* *
*

O remanescente da família dos Sabeler, passados alguns anos, veio fixar-se em Matosinhos, em busca de melhores condições de vida, como já tinham feito muitas outras famílias de pescadores de Espinho.

Alexandre Alves da Rocha (Casebre) publicou no jornal «Defesa de Espinho», n.º 1343, de 22-III-1957, um artigo intitulado «Breve resenha histórica de Leixões e da Indústria de Pesca de Matosinhos». Refere nele os nomes de famílias de Espinho que vieram para Matosinhos, e diz que muitos dos seus elementos se distinguiram, uns como pescadores, outros como negociantes de sardinha e outros a princípio como negociantes de sardinha e depois como industriais conserveiros.

Com a devida vénia transcrevemos a referência feita pelo ilustre articulista:

«Os primeiros espinhenses que aqui se fixaram e deram impulso à pesca, foram os do Anão (Família Sá Pereira), os Rochas, os Zagalas, os «Sanguedos», os Luças, os Aluais, os «Sabeler», os Chalões, os Felícios, os da Florinda, os «Patelas», os Claras, «os do Mar», os da Vitorina, os Ritas, Salés, Graças, os Vinte-e-Quatro, os Clementes, Dionísio, Gaiteiros, Chetas, Caseiros, os da Americana, da Machada, os Cunha Folhas, Ourives, (da família de António Zé); os da Graça, da Caetana, Vilares, Cartolas, Fragra-teiras, Ferreirinha, Arruelas (da família Caronha); as Tarecas, os do Ti Gregório, os Chuchas, da Gança, Cancujos, da Marcada; os Anastácios, Barombas, Correias, Carapuços, Guilherme (da família Maganinho), Noras, os da Vareira, etc., etc., — todos pescadores, muitos deles também artifices.»

Em Matosinhos, os Sabeler, como muitos dos seus conterrâneos, continuaram a dedicar-se à pesca da sardinha com as redes designadas por *peças*, ou redes de *emalhar*, à *mugiganga* e à pesca da *tarrafa*.

A *tarrafa* era uma rede que funcionava como um cerco e era usada especialmente na pesca da tainha. Também podia ser pescada a sardinha com a *tarrafa*, mas só quando esta atingia o litoral.

Os Sabeler possuíam cinco barcos de *peças*, com os nomes *Roberto*, *Anjo da Guarda*, *Os três Irmãos*, *o Amor da Pátria* e *o Restaurador*.

Em Matosinhos corria então a seguinte quadra alusiva a estes barcos:

*Vivam os cinco barcos da casa,
Roberto e Restaurador,
Anjo da Guarda e os Três Irmãos,
Viva o barco da Pátria e Amor.*

Nesse tempo também eram usadas em Matosinhos, na pesca da sardinha, as *armações*, também designadas por *artes fixas*, porque chegavam a estar armadas no mesmo local uns seis meses. Eram constituídas por várias redes que se dispunham ligadas umas às outras, atingindo muitos metros de comprimento. Todos os dias os pescadores lhes tiravam o peixe.

Estas armações existem ainda hoje na costa de Sesimbra.

A pesca da pescada era feita com *lanchas*, embarcações de boca aberta, sem convés, que usavam redes chamadas *rascas*, largadas a 100 ou a 120 braças de profundidade.

*
* *

Os processos usados na pesca em Matosinhos até ao princípio deste século, eram rudimentares, rotineiros e passivos. Permitiam a pesca da sardinha e de outras espécies marinhas, apenas junto à costa ou um pouco mais além.

A pesca era em pequena quantidade e mal chegava para as necessidades do então pequeno povoado piscatório de Matosinhos, situado na foz do rio Leça e aldeias das suas redondezas pouco povoadas ⁽¹⁾. As embarcações usadas eram frágeis, sem o mínimo de segurança para as vidas dos pescadores. Uma leve volta de mar, obrigava os pescadores a recolherem à doca, às vezes em circunstâncias bem difíceis. Passavam horas e horas molhados da cinta para baixo, ora devido às ondas que varriam o barco, ora devido ao alar frequente das redes durante a faina da pesca.

Eram necessárias embarcações maiores que aguentassem mais o mar e lhes permitissem pescar longe da costa, em outros pesqueiros.

No sul do País, em Setúbal, havia já nesse tempo um processo de pesca mais rendoso — o das redes ali designadas por *cercos americanos*.

Estas redes tinham cerca de 300 braças de comprimento. Eram transportadas ao alto mar, por embarcações maiores. Ali pelo processo do *cercos* pescavam maior quantidade de sardinha.

José Ferreira Neto, o Sabeler, sobre quem alguém escreveu interessantes dados biográficos no jornal já referido, num artigo intitulado *José Ferreira Neto, o Sabeler (Notas biográficas do*

(1) A população do concelho de Matosinhos, nos anos de 1900 e 1911 era de 25 080 e 34 265 almas, respectivamente.

benemérito pescador), não satisfeito com os processos correntes da pesca da sardinha em Matosinhos, apesar de ser um humilde pescador, mas de acção e de larga visão, ao ter conhecimento da existência destes *cercos* em Setúbal, pensou usá-los na pesca, na sua terra adoptiva.

Havia um grande obstáculo a vencer: a opposição dos outros pescadores, que não viam com bons olhos a inovação. Achavam que o novo processo de pesca originaria o extermínio da espécie e daí pôr em perigo a actividade de que lhe vinha o pão de cada dia para si e para os filhos.

Mas, José Ferreira Neto não desistiu do seu intento. Em seu entender os *cercos americanos* proporcionariam uma pesca mais abundante pois trazia-lhes possibilidades de pescarem mais ao largo da costa. Assim com uma pesca maior, haveria maiores possibilidades materiais para todos os pescadores e para Matosinhos. E não estava errado.

Para isso fez um requerimento às autoridades de Lisboa a pedir autorização para serem usados em Matosinhos os *cercos americanos* de Setúbal. Entretanto os pescadores oppositores enviam uma comissão a Lisboa e conseguem que a petição de José Ferreira Neto seja indeferida. Estávamos então no reinado de D. Carlos.

José Ferreira Neto não se dá por vencido. É um homem de antes quebrar que torcer, dotado de carácter forte, plasmado pela luta incessante com o mar desde a sua tenra idade. É assim passados alguns anos, agora no tempo da República, com o Dr. Afonso Costa, como Ministro das Finanças e com o apoio do capitalista Rodrigues Guedes, vai a Lisboa repetir de viva voz o seu desejo, que é deferido e origina que fosse ordenado oficialmente se organisassem cooperativas de pescadores para se adoptarem em Matosinhos os *cercos americanos* para a pesca da sardinha.

No entanto a quase totalidade dos pescadores de Matosinhos, reagindo contra a nova ideia não queria obedecer às ordens do governo central.

Apesar disto José Ferreira Neto vai a Setúbal com os seus irmãos e alguns familiares, compra ali um barco tipo *galeão*, com

o nome de *Setúbal* e trazem-no à vela e a remos para Matosinhos. Nesta viagem demoraram oito dias ⁽¹⁾.

Na sua ausência em Setúbal, alguns dos seus camaradas que participavam do seu propósito e tinham ficado em Matosinhos, preparavam uma rede para o novo processo de pesca, conforme as directrizes dadas por José Ferreira Neto.

Esta rede tinha de comprimento umas 250 a 300 braças; as das traineiras e motoras actuais, que sucederam aos *cercos americanos*, têm cerca de 300 braças de comprimento.

Em Matosinhos José Ferreira Neto e alguns familiares compraram dois barcos auxiliares chamados *buques*. No alto mar o cerco era realizado com o *galeão* e o transporte da sardinha para terra era feito nos *buques*. Em ocasiões de pesca abundante o *galeão* também transportava sardinha para terra. O *galeão* transportava dois pequenos barcos de tamanho e forma semelhantes às chalandras de hoje, denominados *arolas*, para auxiliarem a fazer o cerco.

O *cerco americano*, no seu primeiro dia de trabalho pescou mais sardinhas que todas as *peças* em Matosinhos.

Os pescadores contrários a este processo de pesca, quando viram a abundância de sardinha trazida pelo cerco, tentaram pisar a sardinha do cerco, agredir os pescadores que nele trabalhavam e foram à Capitania com ameaças.

Mas as autoridades estavam do lado dos Sabeler e protegeram-nos das ameaças dos seus colegas.

Uma onda de má vontade e de incompreensão invadia naquele tempo a classe piscatória de Matosinhos.

José Ferreira Neto foi durante algum tempo, na sua ida para o mar e vinda, protegido pelos seus familiares, também pescadores. Eram frequentemente vaiados com a seguinte quadra:

*Lá vai o cerco pr'ó mar,
Atrás vai o galeão,
As p... do Sabeler,
Já ganharam pr'a um cordão!*

(1) Não encontramos o registo da matrícula do barco *Setúbal* no Arquivo da Capitania do Porto de Leixões, apesar da boa vontade do pessoal da mesma. É possível que o mesmo se encontre na Capitania do Porto de Setúbal, onde o barco foi adquirido.

A esta quadra insultuosa respondiam os Sabeler com esta outra:

*Lá vai o cerco pr'ó mar,
O galeão vai à frente!
Ora vivam os Sabeler,
Que fazem ver toda gente!*

Apesar da animosidade dos pescadores todos os dias o cerco saía para o mar e cerca de um ano foi o único em Matosinhos.

Perante a abundância de sardinha trazida pelo cerco, a opinião da classe piscatória começou a abrandar e até a desaparecer por ser reconhecido que o processo da pesca da sardinha pelo cerco americano não tinha os inconvenientes que os pescadores imaginaram e apresentava vantagens palpáveis sobre a pesca da sardinha pelas peças.

E, como contra factos não há argumentos, vários pescadores e, até contra o que fora resolvido superiormente, algumas pessoas estranhas à pesca, seguindo o exemplo de José Ferreira Neto, puseram cercos ao mar.

Ao galeão, adquirido em Setúbal, impelido até agora a remos e à vela, adaptaram-lhe um motor de 35 cavalos vapor e fazem dele o primeiro barco a motor na pesca da sardinha em Matosinhos.

Assim, em Matosinhos, aos cercos americanos, que tiveram a sua época, sucedem-lhe na pesca da sardinha as traineiras e as motoras, as primeiras accionadas a máquinas a vapor e as segundas a motores de 200 a 500 cavalos vapor.

Os Sabeler mantiveram-se durante muito tempo ligados à pesca da sardinha em Matosinhos. Governaram e foram donos de traineiras e motoras. O último deles foi Mário José de Matos, sobrinho de José Ferreira Neto, que durante muitos anos foi proprietário da «Empresa de Pesca Santa Rita», à qual pertenceram vários barcos de pesca, entre eles o «Galileia», o «Moreia», o «Camões», o «Jamaica» e o «Jerusalém».

Matosinhos, mercê, em grande parte da inteligência e tenacidade de José Ferreira Neto, deixou de ser o pequeno povoado piscatório do princípio deste século, localizado em volta da praia

do Espinheiro, na foz do rio Leça, para se tornar numa vila de extrema importância, na pesca, na indústria e no comércio.

É bem que os homens hoje à frente dos destinos desta vila, com foros a cidade, não se esqueçam de perpetuar, de forma condigna, o nome deste ilustre filho adoptivo de Matosinhos.

Seja posto em prática o conselho do Apóstolo das Gentes: «Portanto dai a cada um o que deveis; a quem tributo, tributo, a quem imposto, imposto, a quem temor, temor e a quem honra, honra» (Romanos, 13: 7).

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Janeiro de 1973.

V Á R I A

Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo)

Novos elementos (IV)

No ano de 1968, em nossas andanças pelo concelho do Crato, encontrámos, além das antas já descritas em trabalhos anteriores ⁽¹⁾, mais as seguintes:

1. *Anta do Arneiro*

Esta anta fica situada no cabeço denominado *Arneiro*, no Couto da Paiola, na freguesia do Crato, junto à estrada que vai de Portalegre para Alpalhão. A anta está à esquerda da estrada a uns 20 m, em terreno de sobreiros.

Hoje tem apenas 3 porções de esteios (fig. 1); uma espetada no chão e duas algo tombadas. São todas de granito.

Estas porções de esteios têm as seguintes medidas (altura, largura e espessura): a porção do lado leste — 1,06 m, 0,70 m e 0,32 m; a do lado oeste — 1,55 m e 0,43 m; e a que fica entre estas duas porções — 1,15 m, 0,94 e e 0,25 m.

(1) AGOSTINHO ISIDORO, *Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo)*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», tomo XLIV, Porto, 1962, págs. 206 a 228, XII est. e 29 figs.

— Idem, idem, *Novos elementos*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», *Vária*, vol. XIX — fasc. 1, Porto, 1963, págs. 71 a 75, com 4 figs.

— Idem, idem, *Novos elementos* (II), in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XIX — fasc. 2, Porto, 1963, págs. 174 a 177, com 2 figs.

— Idem, idem, *Novos elementos* (III), in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», *Vária*, vol. XIX — fasc. 3-4, Porto, 1964, págs. 353 a 359, com 16 figs.



Fig. 1 — Anta do Arneiro, vista do lado leste.



Fig. 2 — Anta do Couto do Vale do Cavaleiro, vista do lado leste.

2. *Anta do Couto do Vale do Cavaleiro*

Esta anta fica localizada num cabeço deste couto, uns 150 m a sul da fonte da Ferrenha, na freguesia de Gáfete.

Está muito destruída (fig. 2). Dela restam apenas as extremidades inferiores de três esteios, todas espetadas ainda no chão. São de granito.

A câmara está atulhada de pedras, que foram carreadas dos terrenos em volta pelos trabalhadores do campo. Cobre-a uma densa vegetação herbácea.

Não há vestígios de corredor. Só a escavação da anta confirmará ou não a sua existência.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Abril de 1973

AGOSTINHO ISIDORO
Naturalista do Instituto de Antropologia
«Dr. Mendes Correia»

Epígrafe romano do Castro de Sabrosa

Foi nos dias cheios de amor ao estudo e rebosantes da proverbial cordialidade portuguesa que tivemos a fortuna de disfrutar no Colóquio de Carbalheiros, tan armoniosamente dirigido por o gran amigo Dr. Joaquín R. dos Santos Júnior, cando visitamos o Castro de Sabrosa, cimeiro da simpática vila de iste nome no Alto Douro.

O Castro tiña sido escavado nos últimos anos baixo a dirección do ilustre Santos Júnior acompañado do Sr. Joaquín Ervedosa e do Professor primário e Delegado Escolar Manuel Alfredo Sousa Castro Marques, e pódese ver que son verdadeiramente notabres o torreón e demais edificacións descubertas, de cuia estación arqueolóxica entendo se está elaborando por aqueles distintos investigadores a oportuna memoria.

Entretanto, fóronse reunindo nun pequeno museo local os objectos descubertos entre os que figura una pedra de gran que contén o epígrafe de que tratamos nesta lixeira nóttula.

A lectura do texto epigráfico presentábase dificultosa, debido a estar rota a pedra, pelo que fun invitado a examinala. Ista liñas son o resultado de tal exámen.

As informacións sobre das circunstancias do achádego e dimensións várias da pedra e letras fóronnos ofrecidas polo Prof. Marques ao que espresamos vivo agradecimento pola súa liberalidade. A fotografía que acompañamos foi-nos enviada pelo Dr. Santos Júnior ao que reiteramos o noso vello e firme afecto polas múltiples atencións con que nos honrou.

En Febreiro de 1971 foi encontrada a pedra por João Soares Esteves nun seu pinal situado na vertente do Castro de Sabrosa e por baixo ou a jusante da Estrada Nacional n.º 323, cando andaba aquél a juntar pedra desmontando muros pra os alicerces de unha casa que ía construír. Inmediatamente o Prof. Marques fíxose cargo da pedra e, levada pra o Museu donde se encontra, salvouse pra o estudo.

A pedra está incompreta, pois fáltalhe unha porción da parte superior, cuia rotura colle parte do epígrafe, e de ahí surxía a dificultade da súa lectura. Tal como agora se encontra, mede o conxunto unha altura de 66 centímetros; un ancho máximo de 39 centímetros na base e só 36 no surco recto que lle divide a face dianteira onde o epígrafe se mostra, e un grosor de 10 e medio centímetros.

Na pedra son visíbles dúas partes: a labrada co epígrafe e a sin labra pra ser enterrada en boa porción.

O epígrafe emprázase nunha das caras anchas da pedra; nun campo rebaixado que mede de ancho 32 centímetros e de altura actualmente 21 e medio centímetros, inda que hai que pensar que lle faltan uns tres ou catro centímetros na banda superior, efecto da expresada rotura. O campo epigráfico está contorneado por un listel que sobresaí 3 centímetros, e que ten un ancho que por unha banda é de 1,80 e por outra de 2,20 centímetros.

Consta o epígrafe de tres liñas (Fig. 1) que din:

D M S O
P V A L I I
R I I ANN LX

*D(iis) M(anibus) S(acrum) OP(tacius) VALERII (filii)
ANN(orum) LX [hic jacet].*

Ou seja: Consagrado aos deuses manes. Optacio, fillo de Valerio de sesenta anos eiquí jaz.

Primeira liña: Das letras somentes son visibres as liñas inferiores, en pouco mais da metade.



Fig. 1 — Epigrafe funerário romano do Castro de Sabrosa

Segunda liña: A letra *A* presenta un lixeiro travesaño que non chega a atravesar o campo que deixan os dous paus en ángulo que forman a letra. A *E* está representada, como en outras ocasións, por dúas *II*, a última das que é pouco perceptible.

Terceira liña: As tres letras *ANN* preséntanse enlazadas de xeito confuso. O *L* está formado por dous trazos ligeiramente unidos. No caso en que se pensase que o trazo horizontal non formaba un *L* habería que leer *Ann (orum) X*; mais ficaría dito trazo sen funcion algunha.

Trátase, pois, de un epigrafe funerario de época romana, procedente da necrópoli castreja, que se utilizou, pasados os anos, na feitura de un muro moderno pra cuia adaptacion houbo de se romper a pedra.

As letras son de tamaño variabre. As mais grandes serían as das siglas *D.M.S.*, que estan incompretas. Das conservadas intactas, oscilan entre 6,25 centímetros de altura que ten o *R* na terceira liña, ata os 4,90 centímetros da *N* final da mesma liña. As demais están entre os 5 sen chegar aos 6 centímetros.

FERMIN BOUZA BREY
Santiago de Compostela

Nótulas sobre a Festa dos Reis

A Festa dos Reis, que teve grande nomeada e em muitas terras ainda continua a ter, celebra-se nos dias 6 e 7 de Janeiro.

Como é sobejamente conhecido um grupo de gente moça combina ir pedir os Reis e, depois que anoitece, eles aí vão de porta em porta cantando quadras laudatórias aos donos da casa e das suas pessoas de família. Muitas vezes as cantigas são acompanhadas por tocata.

Na Quinta de S. Pedro, pequenina aldeia anexa da freguesia de Meirinhos do concelho de Mogadouro, distrito de Bragança, durante muitos anos passei as férias do Natal. Ali temos alguns olivais e amendoeiras.

Era certo e sabido que todos os anos nos vinham cantar os Reis, especialmente na noite do dia 6, isto é, na véspera do dia de Reis.

Com as notas e apontamentos que ia colhendo darei notícia de algumas quadras que ali me cantaram à porta da minha casa.

Em 6 de Janeiro de 1963 vieram cantar os Reis uma meia dúzia de rapariguitas entre as quais três filhas de nossos serventuários. Começaram assim:

*Estamos aqui
Neste dia de Reis
A pedir licença
Para lhe cantar os Reis.*

Mantiveram-se caladas algum tempo, coisa talvez de meio minuto, depois do que a cantilena prosseguiu com quadras alusivas a mim e aos meus familiares.

*Viva lá o senhor Doutor
Raminho de laranjeira,
Inda anda neste mundo
Já no céu tem a cadeira.*

*Viva lá a senhora D. Judite
Raminho de salsa crua,
Quando vai para a igreja
Alumia toda a rua.*

*Viva lá o senhor Norberto
Casaquinho de veludo,
Quando vai pela rua abaixo
Logo imperfuma tudo.*

O remate foram mais duas quadras alusivas aos donos da casa

*Viva lá o senhor Doutor
Vestidinho de vermelho,
É o homem mais honrado
Que passeia no concelho.*

*Viva lá a senhora dona Judite
Nós não queremos ficar mal.
Vivam os senhores desta casa
Vivam todos em geral.*

As rapariguitas foram brindadas com figos e nozes.

Na mesma noite de 6 de Janeiro de 1963 um grupo de três rapazes veio cantar os Reis à nossa porta.

Os versos e a música foram diferentes.

*Bom dia (sic) senhor Doutor
Que bem lhe fica o chapéu,
Fica-lhe tão bem, tão bem!
Com'ós anjinhos do céu.*

*Arcanjos, arcanjos,
Além
Ao Deus Menino
Que nasceu em Belém.*

*Se nos querem dar os Reis
Não nos estejam a demorar,
Nós somos de longes terras,
Temos caminhos a andar.*

*Arcanjos, arcanjos,
Além
Ao Deus Menino
Que nasceu em Belém.*

Mandamos entrar os rapazes para lhe dar os Reis. Soubemos então que eram da Açoreira, aldeia do concelho de Moncorvo que fica por trás da Serra do Roboredo. Estavam com o pai em S. Pedro que ali estava a trabalhar de latoeiro.

Ao despedirem-se disseram:

«D'hoje em bem anos que nos torne a dar os Reis.»

No dia 6 de Janeiro de 1966 os Reis foram-nos cantados com nova modalidade. Às quadras cantadas foram as seguintes:

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha do loureiro?
Viva lá o senhor Doutor
Que é um grande cavalheiro.*

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha da oliveira?
Viva lá a senhora dona Judite
Que é uma grande cavalheira.*

*Quem diremos nós que viva
No grãozinho do arroz?
Viva lá o senhor Norberto
Por muitos anos anos e bôs.*

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha do lodão?
Viva o Manuelzinho
Que é um grande cidadão.*

*Quem diremos nós que viva
Na còpinha do chapéu?
Viva lá o menino Jorginho
Que é um anjinho do céu.*

*Quem diremos nós que viva
No ramo de salsa crua?
Viva lá a menina Mizinha
Que alumia toda a rua.*

e a cantata terminou com a seguinte quadra:

*Quem diremos nós que viva
Na folha do laranjal?
Para nós não há diferença
Vivam todos em geral.*

Quer em S. Pedro quer em outras aldeias da freguesia de Meirinhos, e das freguesias vizinhas, é corrente iniciarem a cantilena dos Reis com a seguinte quadra:

*Quem vos vem cantar os Reis
De noite pelo escuro,
De certeza quer provar
Desse seu vinho maduro.*

Aliás quase sempre os cantantes dos Reis são convidados a entrar, sobretudo quando se trata de adultos e de pessoas amigas, e sempre se bebe uma pinga.

Na Quinta de S. Pedro quando cantam os Reis a uma casa e ali nada lhe dão, afastam-se e vão cantando:

*O sobreiro da calçada
Já não volta a dar bolotra
Venham-nos a dar os Reis
Senão defecamos-lhe à porta.*

Substituímos pela palavra erudita defecar o vocábulo, considerado soez, com que o povo, correntemente, refere a expulsão dos excrementos.

Em várias aldeias do leste trasmontano o grupo que vem pedir os Reis grita alto: «Cantaremos nós?» Ficam à espera. Se ninguém aparece cantam.

Se porém os donos da casa não estão na disposição de dar, mandam alguém à porta pôr o grupo a andar.

Então o grupo afasta-se e vai cantando alto:

*Cantamos e cantaremos,
Voltaremos a recantar.
Estes barbas de farelos
Não tem nada p'ra nos dar.*

No entanto, e por via de regra, todos dão, uns mais outros menos.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Porto
Fevereiro de 1973

SANTOS JÚNIOR

Centro piloto de estudos de arte, etnografia e história

O Secretariado para a Juventude do Ministério da Educação Nacional, em boa hora resolveu organizar o I Encontro Nacional Juvenil de Etnografia, a decorrer no Porto, no Liceu de António Nobre, em 5, 6 e 7 de Janeiro do ano corrente.

Pena foi que o seu Presidente de Honra, o Dr. Fernando de Castro Pires de Lima, pelo seu inesperado falecimento, não tenha podido desempenhar o honroso cargo que justamente lhe fora conferido.

Foi pena que a nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia não tenha podido prestar o seu concurso ao referido Encontro. A Sociedade Portuguesa de Antropologia, por impulso do meu saudoso Mestre, o prof. Mendes Correia, que foi fundador da Sociedade e seu ilustre Presidente, sempre amparou e publicou trabalhos de Etnografia, alguns dos quais, sem favor, se podem reputar de notáveis.

A Sociedade de Antropologia regista com aprazimento a organização de tal Encontro cujo programa foi o seguinte.

PROGRAMA GERAL DO I ENCONTRO NACIONAL JUVENIL DE ETNOGRAFIA

DIA 5 DE JANEIRO DE 1973 — sexta-feira

9,45 horas — SESSÃO INAUGURAL

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO GERAL DE ACTIVIDADES DO CENTRO E DA EXPOSIÇÃO DE ETNOGRAFIA

10,30 horas — I SESSÃO

«Introdução ao Estudo da Etnografia» — Alfredo Silva (Escola Comercial de Veiga Beirão)

11,00 horas — Intervalo

11,20 horas — II SESSÃO

Indústrias Populares

«A Olaria de Bisalhães» — Patrocínia Ramos — (CPEAEH)

«Cestaria algarvia» — Filomena Marques (CPEAEH)

«Polvorinhos e Cornas» — Carlos Vicente (CPEAEH)

Pesca

«Marcas Poveiras» — Rui Mendes (CPEAEH)

Agricultura

«O amanho do linho na Beira Alta» — Isabel Curto (Liceu D. Filipa de Lencastre)

12,30 horas — Almoço

14,30 horas — III SESSÃO

Agricultura (continuação)

«O linho — sua fição» — José Godinho Martins (CPEAEH)

«A ceifa do arroz na lezíria ribatejana» — Maria José Vitorino Gonçalves (CPEAEH)

«A apanha da azeitona no Alentejo» — Maria Garcia e Maria André Casação (CPEAEH)

«A desfolhada no Minho» — Cecília Couto (Liceu D. Filipa de Lencastre)

«A desfolhada beiroa» — Maria Clarinda Rocho (Liceu D. Filipa de Lencastre)

Arquitectura rural

«Casas Típicas Beirãs» — Sobral Valado (Pampilhosa da Serra) — Marília Alves (CPEAEH)

16,00 horas — Intervalo e merenda

16,30 horas — IV SESSÃO

Vida espiritual

«O presépio—sêcs. XVI, XVII e XVIII»—Francisco Brás (CPEAEH)

«Alguns 'ex-votos' existentes em Guimarães» — Maria Constança Paúl (Liceu D. Filipa de Lencastre)

«Procissão em Ladoeiro» — António S. Pedro e António Carvalho (Liceu Nacional de Castelo Branco)

«O Senhor de Matosinhos» — Maria Antónia Carvalho e Ana Paula Pinto (Escola Industrial e Comercial de Matosinhos)

«Costumes Religiosos da Beira Alta-Freixedas» — Miguel Nuno Saraiva (Liceu Normal D. Manuel II)

«Semana Santa-Válega» — Manuel Laranjeira Vaz — (Liceu Normal D. Manuel II)

Etnomedicina

«Etnomedicina regional» — Maria Adelaide Campos (Liceu Nacional de Guimarães)

«Magia na prevenção ou cura dos males» — Adriano Soares Pinto (Liceu Normal de D. Manuel II)

«Curas e rezas populares da região do Porto» — Altamiro Pereira (Liceu Normal de D. Manuel II)

18,30 horas — MÚSICA E CANTO

Grupo Folclórico da Escola Industrial e Comercial de Portimão
Grupos Corais do Liceu D. Filipa de Lencastre

20,00 horas — Jantar

22,00 horas — MÚSICA E TEATRO

Grupo Folclórico do Liceu D. Filipa de Lencastre
Grupo Dramático da Escola Industrial e Comercial de Vila Real — «Um Turista no Marão»
Grupo Folclórico da Escola Industrial e Comercial de Clara de Resende

DIA 6 DE JANEIRO DE 1973 — sábado

9,45 horas — V SESSÃO

Folclore

«Traje à Vianesa» — Maria Elisa Braga (Liceu D. Filipa de Lencastre)

«Cantares Populares do Concelho de Pampilhosa da Serra» — Maria Margarida Campos (CPEAEH)

«Figuras Típicas de Lisboa» — Maria José de Jesus e Ester Silva (CPEAEH)

Estudos Locais

«Monografia do Pego» — Regina Gil, Maria da Glória Rebelo e Maria Amélia Magalhães — (Liceu Nacional de Abrantes)

11,00 horas — Intervalo

11,20 horas — VI SESSÃO

Estudos Locais (continuação)

«Apontamentos sobre Ansião» — Maria Rosa Eusébio (Liceu D. Filipa de Lencastre)

«Ilha de Moçambique» — Luísa Moura (CPEAEH)

Meios de Transporte

«Veículos de tracção animal em Lisboa e Arredores, na década de 40» — João António Simões Filipe (CPEAEH)

Costumes e Tradições

«Ribeirinha (freguesia de Angra do Heroísmo): alguns costumes» — Maria Beatriz Pinto (Liceu D. Filipa de Lencastre)

12,30 horas — Almoço

14,30 horas — VII SESSÃO

Etnologia

«Os Bochimanes» — Ana Paula Laborinho (CPEAEH)

«Arte Popular e Artesanato Tradicional da Argentina» — Alberto Picco (CPEAEH)

«Etnografia Açoreana» — João Correia Branco (Escola do Magistério Primário de Ponta Delgada)

«Angola-Mucanda Cangongo: Ser Bantu é ser Homem!» — Ana Paula Assunção (CPEAEH)

16,00 horas — Merenda

16,30 horas — VIII SESSÃO

Etnologia (continuação)

«Etnologia dos Povos Negros de Angola» — Georgina Gonçalves (Liceu Nacional D. Maria II — Braga)

«Etnologia ou Antropologia Cultural» — Manuel Laranjeira Vaz (Liceu Normal de D. Manuel II)

«Arte indígena no Distrito da Zambézia» — Carlos Farinha (CPEAEH)

Vária

«A Iluminura como fonte etnográfica» — Carlos Vicente (CPEAEH)
Costumes e Tradições

«Lenda Timorense da criação do homem» — Maria Beatriz Ricarte (Liceu D. Filipa de Lencastre)

«A Matança do Porto na Beira Baixa» — Teresa Varela — (Liceu D. Filipa de Lencastre)

Pesca

«As redes do Norte de Portugal» — António Silva Santos (CPEAEH)

18,30 horas — MÚSICA E CANTO

Grupo Coral da Escola Industrial e Comercial de Beja

Grupo Folclórico do Liceu Nacional de Viana do Castelo

20,00 horas — Jantar

21,30 horas — SESSÃO DE CINEMA

Filme «Ala-Arriba»

DIA 7 DE JANEIRO DE 1973 — domingo

9,45 horas — IX SESSÃO

Costumes e Tradições (continuação)

«Superstições populares do Concelho de Vila Nova de Gaia — Defumadores — Esconjuros — Medicina mágica» — Carlos Farinha (CPEAEH)

- «Brinquedos Tradicionais» — Fátima Maria Pereira e Delfim Leite da Silva (Escola Industrial e Comercial de Matosinhos)
- «Vários apontamentos etnográficos colhidos na região de Chaves» — Augusto Afonso da Silva Campos (CPEAEH)
- «Usos e Costumes de Castro Laboreiro» — Luís Araújo de Brito (Liceu Normal de D. Manuel II)
- «Lendas» — Maria Fernanda Dias (Liceu D. Filipa de Lencastre)
- «Lendas das Sete Cidades» — Maria Filomena de Almeida (Liceu D. Filipa de Lencastre)
- «Uma Lenda das Sete Cidades» — Maria Teresa Oliveira

11,00 horas — Intervalo

11,20 horas — X SESSÃO

Costumes e Tradições (continuação)

- «Feira da Ladra» — Maria Adelaide Lança (CPEAEH)
- «Arouca e Lenda da Senhora da Mó» — Jorge Sousa (Liceu Normal de D. Manuel II)

Agricultura (continuação)

- «O Vinho na Etnografia Nacional e o Vinho Verde na Etnografia Minhota» — Vidal Fernandes Antão (CPEAEH)

Vária (continuação)

- «As Colectividades Regionalistas e a protecção ao espólio etnográfico nacional» — Carlos Vicente (CPEAEH)

Etnologia

- «Apontamentos sobre as Províncias das Beiras: a oliveira no Campo» — Maria Manuela de Sousa Mendes e Rui Manuel de Sousa (CPEAEH)

12,30 horas — Almoço

14,30 horas — SESSÃO DE ENCERRAMENTO

- 1) Grupo folclórico da Escola Industrial e Comercial de Ponta Delgada ou Grupo folclórico da Escola Industrial e Comercial de Portimão
- 2) Grupo Coral do Liceu Carolina Michaëlis
- 3) Visita à Exposição
- 4) Encerramento com a leitura das Conclusões do Encontro.

Esta Sessão será presidida por Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado da Juventude e Desportos.

Pelos títulos dos trabalhos que figuravam no programa se pode bem ajuizar do grande interesse que deve ter revestido o Encontro.

Entre os 53 temas dos trabalhos anunciados, 5 trataram de assuntos respeitantes ao nosso Ultramar, de Angola, Moçambique e de Timor.

Aos organizadores deste Encontro são devidos louvores, bem como a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional que o patrocinou e lhe conferiu possibilidade de concretização.

S. J.

Singularidades etnográficas

A Cura da Dada

Dada nada mais é do que um mal num seio de mulher ou no úbere duma vaca quando em aleitamento, devido a um súbito ingurgitamento local que há-de provocar fortíssimas dores, ao mesmo tempo que paralisa a função de qualquer deles. O caso que vamos referir tem de ter a sua história para de certo modo lhe dar ambiente, que não deixa de merecer interesse, senão mesmo curiosidade.

O meu amigo Teófilo, que é um trolha dos antigos, andava no arranjo dum telhado, que metia água, na serrana povoação de Regoufe (Arouca), quando a mulher da casa veio anunciar ao marido que «a vaca não comia nem dava leite e não sabia o que ela tinha».

Como no caso estava comprometido o úbere do animal, logo o nosso avisado trolha interveio para dizer que o que ela tinha era uma dada, que se tornava necessário atalhar quanto antes.

Como havia de ser, inquiriu o dono da casa, se por ali não havia ninguém que soubesse tratar o mal do animal? — Então, mestre Teófilo logo se ofereceu para lhe dar remédio — atalhar tal doença, e aceite a sua generosa oferta, logo pediu que se lhe arranjasse um pente e uma bacia ou tigela com água e nesta uns fiozitos de azeite, que prontamente foram fornecidos.

Tirada então a vaca do curral, o Teófilo desbarretou-se e, como magno sacerdote, logo se persignou e acto contínuo mergulhou o pente naquele líquido e, como se fora um hissope, fez com ele nove sinais em cruz sobre o dorso e o úbere da vaca, espargindo a água com o azeite, ao mesmo tempo que intercaladamente proferia o seguinte ensalmo ou reza:

*Bom homem te deu pousada
Má mulher me fez a cama
Sobre vides e sobre a lama!
Sara aí o teu peito,
Sara aí a tua mamal!*

E após esta métrica logo proferiu por sua vez um padre-nosso, uma avê-Maria e uma salvé-rainha, esta em louvor da Senhora da Silva, para em seguida rematar: — em louvor de S. Silvestre, que tudo que eu faça que lhe preste!

Ao dar-nos notícia desta ocorrência, explicou que para a tarde daquele dia a vaca havia melhorado e começara a dar leite e a comer como dantes. — Não foi óptimo o remédio?

Aquela reza resultou da seguinte lenda ou *estória*:

Andava Nosso Senhor com S. Pedro pelo mundo e, uma vez chegada a noite, foram pedir agasalho a um casebre isolado, onde vivia um homem com sua mulher, que acabara, há pouco, de dar à luz uma criança. O homem foi dizer à consorte que estavam ali dois pobres a pedir dormida e ela, de má vontade e a preparar motivo para uma recusa, perguntou ao marido onde queria ele que os deitasse. — Diz-lhes que não pode ser!

O marido, condoído com a sorte daqueles pobres ali desamparados, insistiu com a mulher e esta, sempre de maus modos, retorquiu: — arruma-os então na cozinha junto à lenha e eles que se arranjem.

Toda esta cena foi ouvida pelo Senhor e S. Pedro, que logo entraram no casebre e procuraram sítio para se acomodarem, mas o aposento era térreo e havia lama ao pé da lenha. Aqui se deitaram os dois e alta madrugada foram acordados pelos gritos da mulher, a queixar-se das dores de uma *dada* no peito. — O marido, aflito,

foi pedir socorro aos seus hóspedes e, então, S. Pedro deu-lhe aquela receita usada pelo Teófilo mas com outra variante, como se vai ver, que, instantaneamente, atalhou o mal da doente.

O ensalmo original era então assim:

*Bom homem me deu dormida,
Má mulher me fez a cama
Sobre vides e sobre lama.
Curai, Senhor, esta mama
Sob o poder da Virgem Maria!
Padre-nosso, avé-Maria!*

Rezando nove vezes seguidas tal esconjuro ao mesmo tempo que, mediante um feixe de nove varinhas delgadas de vide, a servir de hissope ou, na sua falta, um pente, espargia sobre a doente água com pintas de azeite, intercaladamente com a recitação do dito ensalmo.

O que é facto é que a superstição vingou e grande remédio é para atalhar os males dos peitos, quer nas mulheres, quer nas vacas, em aleitamento, como aconteceu com aquele caso da vaca de Regoufe.

Recolhido por

ALBANO FERREIRA

Da Sociedade Portuguesa de Antropologia
e Etnologia

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

VERÍSSIMO DE MELO — **Ensaio de antropologia brasileira**, Imprensa Universitária, Natal, 1973, 172 págs.

O A. é Professor de Antropologia Cultural na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem ampla série de trabalhos sobre superstições, adágios, danças, jogos, festas e outras manifestações populares brasileiras. É um etnógrafo de mérito e sensibilidade apurada, que, no Instituto de Antropologia da referida Universidade, tem realizado trabalho de pesquisa antropológica de muito merecimento. No livro que agora analisamos são os seguintes os temas ou capítulos nele tratados.

Antropologia e história: Arqueologia e trópico: Informação sobre messianismo no Nordeste: Folclore e turismo cultural: Educação do Homem rural: Antropologia social e Sociologia: Antropologia e poder político: Relativismo cultural: O homem do futuro: Coexistência de nações indígenas no Alto Xingu: Relações sexuais entre os indígenas brasileiros: Nimuendaju: Actualidade de Hans Staden: *Potlach* e corrida espacial: Dois ensaios de Silva Melo: As confrarias de N. S. do Rosário como reacção contra-aculturativa dos negros no Brasil: Axerê de santo: A glosa — veículo de comunicação popular: Assimilação e aculturação de japoneses no Brasil.

Pelos simples títulos dos capítulos que acabamos de referir pode ajuizar-se da multiplicidade de temas de antropologia cul-

tural tratados incisivamente num pequeno número de páginas, em geral 10 a 12, e alguns ainda menos.

O A. refere na nota preambular que alguns destes temas são de interesse permanente. Podemos dizer que são quase todos.

No capítulo Antropologia e História, a propósito da íntima relação entre estas duas ciências, cita Franz Boas e escreve: «Para compreender a História não basta saber como são as coisas, mas como chegaram a ser o que são».

Parafraseando pode dizer-se que sucede o mesmo com a Antropologia. Para ascendermos à compreensão integral do Homem sob o ponto de vista antropológico, não basta apenas saber como são os homens, mas é preciso saber, ou pelo menos procurar saber, como eles chegaram a ser o que são.

Antropologia e trópico é um capítulo em que realça a grande importância dos estudos de Ecologia Humana, para a conveniente orientação do desenvolvimento sócio-económico das populações.

Antropologia social e Sociologia e Antropologia e poder político são dois capítulos nos quais, em justos conceitos, sobressaem aspectos da Antropologia prática.

Judiciosas as considerações que faz sobre a competição entre russos e americanos na corrida espacial, comparando-a ao *Potlach*, festa dum pequeno povo do noroeste dos E. U. da América do Norte. Nesta festa um chefe indígena distribui presentes para adquirir ou aumentar o seu prestígio. Ao mesmo tempo «manda empilhar uma montanha de milho em frente à sua casa, apenas para ser admirada pelo povo». Nos dias que se seguem o milho apodrece e perde-se totalmente.

Lembra o A. o hábito petulante de certos novos ricos quebrando copos em bares e destruindo coisas, com a estúpida finalidade de aparentar riqueza e prestígio.

Segundo o A. a corrida espacial dos americanos e russos é um *Potlach* em escala cósmica, quando escreve: «é antes de tudo uma competição para ganhar prestígio internacional. E acrescenta: «Pode e deve haver outras vantagens de ordem científica e comercial no futuro. Mas, em primeiro lugar é um *Potlach* entre russos e americanos. Esta é uma lição de antropologia social: Os homens são os

mesmos por todos os quadrantes. As suas instituições é que variam extremamente».

Levar-nos-ia longe o comentário pormenorizado dos interessantes temas deste livro.

Transcrevo para finalizar uma frase do A. em que lamenta a pouca eficiência do poder público no impulsionamento dos estudos antropológicos no Brasil. «Estamos ainda marcando passo nesse terreno, no país. Nossas autoridades responsáveis pelos sectores desenvolvimentistas ainda não descobriram o valor da contribuição da antropologia nos trabalhos de desenvolvimento de comunidades, por exemplo».

O mesmo sucede, infelizmente, noutros países europeus.

SANTOS JÚNIOR

JOSÉ MANUEL GOMEZ-TABANERA — **Simbolismo y ritual en el arte rupestre paleolítico de la isoida caucasoide**, in «Zephyrus», Vol. XXI-XXII, Salamanca, 1970-71, pág. 73 a 87, e figs.

O A., distinto Professor da Universidade de Oviedo e director do Departamento de Pré-história da mesma Universidade, alude de entrada à quantidade de teorias que tentam explicar o significado e a função dos motivos da arte rupestre paleolítica.

Tais explicações, baseadas em conceitos de magia, totemismo, pansexualismo, utilitarismo, etc., na opinião do A. determinam, no fim de contas, «um cierto imovilismo» na história das ideias estéticas.

Quanto aos autores da arte rupestre paleolítica o A. escreve: «Partiendo asimismo de mi formación etnológica y mi convencimiento cada vez más afirmado que el «arte» paleolítico (leptolítico) eurasiático surge como cristalización cultural de los antecesores de la subespecie caucasoide...»

Dada a dificuldade na interpretação do justo significado de gravuras e pinturas paleolíticas, preconiza o emprego de novas técnicas (não as indica), «sin importar al que las utiliza la opinión de los monstruos sagrados, que, a fin de cuentas, aunque sean sagrados, no por eso dejan de ser monstruos».

Critica a generalização do parecer, aceite por alguns pré-historiadores, de que muitos dos sinais da arte rupestre paleolítica seriam representações de órgãos sexuais, em relação com práticas de vida erótica e sexual.

É assim, quanto à interpretação sexualizante das figuras delatóides a que tem sido atribuída a representação vulvar, julga que na sua maioria, tal significação «no está en manera alguna justificada» e admite que sejam antes representações de pegadas de animais.

Admite ainda que os paleolitas, com finalidade mágica (certamente propiciatória da caça) tenham reproduzido nas paredes das grutas, cavernas ou simples abrigos as pegadas deixadas na terra pela caça.

É uma hipótese a contrapor à hipótese que vê nesses sinais subtriangulares com traço ou fenda mediana a representação vulvar.

O A. é dogmático ao afirmar, baseado na sua hipótese, que as interpretações ou «elaboraciones pansexualistas» são «indignas de ser tenidas en cuenta».

Há várias passagens e afirmações neste trabalho que reflectem os vastos conhecimentos do A. como etnólogo.

Claro que não é possível saber qual seria o projecto mental do gravador ou pintor paleolítico ao riscar ou pintar aquilo que concebeu ou imaginou. Tampouco podemos avaliar qual seria o maior ou menor grau de satisfação do artista ao ver que o que riscou ou pintou correspondia, em maior ou menor grau, àquilo que imaginara.

Tem razão o A. quando, no final do seu trabalho, se insurge contra as interpretações «que pretenden imponernos una fórmula resolutoria global a toda a série de ideogramas, símbolos y glifos que encontramos en el arte paleolítico».

No entanto pode, talvez, considerar-se dogmatismo exagerado quando escreve que na sua interpretação «jamás lograremos penetrar».

S. J.

JOSÉ MANUEL GOMEZ-TABANERA — **Prehistória del solar astur**, in «Archivium», Vol. XXII, Oviedo, 1972, pág. 417 a 472, 12 figs.

Como o próprio título indica, este trabalho é um apanhado dos muitos monumentos ou estações pré-históricas das Astúrias de Oviedo.

Trata-se duma extensa região natural com cerca de 230 km de costa marinha, que se considerou solar dos *astures*.

Dada a sua extensão e as suas condições geoclimáticas não é de estranhar que tenha sido habitada desde tempo remoto e ao longo dos séculos.

«El marco geológico, geográfico y biótico de la Prehistória astur: El paisaje cuaternario de las Asturias; Flora y fauna del cuaternario astur: El primero poblamiento humano de Asturias: Las estaciones prehistóricas del solar astur»: são os títulos dos capítulos deste trabalho, que é uma colectânea da riqueza arqueológica das Astúrias, bem atestada pelo número e tipos de estações que o A. indica no último capítulo acima referido.

Basta dizer que o A. cita e faz referências, a nada menos de 27 *cuevas* e mais 4 abrigos com pinturas.

Excelentes desenhos à pena de Z. Burian, representam a idealização de cenas de caça aos grandes mamíferos quaternários, mamute, rinoceronte, cavalo silvestre, bisonte e urso.

Destes animais são conhecidos restos fósseis aparecidos em várias *cuevas* asturianas.

São muitas as considerações de ordem etnológica com que o autor vai enriquecendo as referências a muitas das estações arqueológicas que formam o riquíssimo solar pré-histórico asturiano.

Merece felicitações o A. pela tarefa de síntese que empreendeu, a que se seguirá um 2.º volume, como anuncia em nota de fundo da primeira página do trabalho que agora analisamos.

S. J.

CARLOS ALBERTO FERREIRA DE ALMEIDA — **A Póvoa de Varzim e o seu aro na antiguidade**, sep. do «Boletim Cultural da Póvoa de Varzim», 1972, 34 págs., 1 fig. e VII Est. com mais 60 figs.

O A. faz neste trabalho uma resenha da arqueologia do concelho da Póvoa de Varzim.

De entrada alude à geologia da região poveira e a um presumível abaixamento da costa, já referido por José Fortes. No estudo da costa do Minho os geólogos depararam com faixas ou zonas de abaixamento interpostas a zonas de alteamento, o que os levou a designar o conjunto de tais aspectos geológicos por «teclado minhoto». Refere a escassez de achados paleolíticos e a ausência de dólmenes na região poveira. Estuda em seguida a época castreja. Cita os três castros de Nabais, de Laundos e de Terroso. Faz referência muito rápida ao primeiro destes castros. Ao castro de Laundos dedica algumas linhas e dá conta dos seus achados em duas visitas que ali fez, para se ocupar a seguir do precioso achado das arrecadas de ouro, que foram primorosamente estudadas por Ricardo Severo na *Portugália*. Ao castro de Terroso dedica, e bem, nada menos de 15 páginas.

Este castro, escavado em grande parte, em 1906 e 1907, por José Fortes e Rocha Peixoto, forneceu abundante material, especialmente cerâmica.

O A. alude à abundância do mesmo e aos trabalhos publicados por Rui de Serpa Pinto, investigador de raros méritos que foi meu excelente companheiro no Instituto de Antropologia da Universidade do Porto. Justamente escreve que foi Rui de Serpa Pinto quem «divulgou verdadeiramente o castro, publicando sobre esta estação duas memórias, nas quais se têm apoiado todas as referências modernas sobre Terroso».

O A. estuda com desenvolvimento, e em pormenor, a cerâmica escavada em Terroso.

No último capítulo, *Época Romana*, cita alguns achados lusitano-romanos e alude a duas lápides votivas, estudadas pelo distinto investigador poveiro Flávio Gonçalves.

O trabalho que analisamos é, uma resenha da arqueologia da Póvoa de Varzim, bem orientada e, de onde aonde, com considerações pessoais ajustadas em crítica serena.

S. J.

JOAQUIM LORENZO FERNANDEZ — **Uma rueda fósil en Catoira (Galicia)**, Sep. do Tomo 1.º do «Boletín Auriense», Ourense, 1971, 8 págs. e 6 figs.

Notável achado duma velha roda de carro de bois, com cerca de 4000 anos, e a que bem pode chamar-se fósil.

Apareceu numa bancada de areia do rio Ulla, em frente a Catoira, a cerca de 2 metros de profundidade, ao arrancarem areia do leito daquele rio galego.

D. Luís Bouza-Brey, poeta, arqueólogo e distinto advogado em Vilagarcia, ao ter conhecimento do achado logo o comunicou ao A., que é um grande etnógrafo e o especialista do carro de bois galego, que estuda há mais de 40 anos.

Aquela velha roda foi oferecida ao A. e está devidamente resguardada no Museu Arqueológico de Ourense.

Trata-se de uma roda de carro de bois, idêntica às usadas nos actuais carros galegos e do norte de Portugal. Como o A. acentua, a única diferença que apresenta das actuais, é que estas, geralmente, são feitas de carvalho, e a de Catoira é de sobreiro.

O A. estuda em pormenor aquela velha roda, dando um grande número de medidas e de pormenores referentes ao seu diâmetro e perímetro, bem como das suas peças, *mião*, *cambas*, *olhais*, *tornos* e *relhas*. Pelos rebaixos existente na roda e pelos muitos orifícios dos cravos que pregavam as peças metálicas, o A. atesta a existência indubitável de peças metálicas, aros, abraçadeiras e lingue-

tas, fixadas por tantos cravos quantos os orifícios que na roda se vêem. Tais peças metálicas seriam precisamente como aquelas que se usam nas rodas dos actuais carros de bois galegos.

Era doutrina considerada assente que o tipo de roda dos carros galegos, de que a de Catoira é precisamente similar, era de origem celta e produto da cultura do Ferro. Sem dúvida que os carros de bois da gente dos castros do Noroeste peninsular, Norte de Portugal e Galiza, devem ter possuído tal roda, com aros de ferro, mas os da roda de Catoira, dada a sua antiguidade, não seriam de ferro, mas sim de bronze.

A análise do C-14 num bocadinho de madeira da roda de Catoira, datou-a de 1720 ± 45 a.C. Quer dizer, aquela roda tem, portanto, 3700 anos, ou, arredondando, cerca de 4000 anos. É pois muito anterior ao início da cultura do Ferro no noroeste peninsular.

Se considerarmos o ano de 1800 a.C. como início do Bronze, pode assegurar-se, e o A. assim o faz, que o aro do rastro da roda e as demais peças metálicas da mesma, atestadas pelos buracos dos respectivos cravos, seriam de bronze.

Considerava-se entre os arqueólogos como doutrina assente que aquele tipo de roda como elemento do carro de bois, «la carreta celta», fora introduzido pelos celtas.

O A. conclui: «Hoy la rueda de Catoira nos proporciona un valioso elemento que eche por tierra esta creencia, llevandonos a una época bastante anterior».

S. J.

ERRATA

Na p. 138, linha 17, onde se lê **conserva** deve ler-se **conversa**.

Trabalhos de Antropologia e Etnologia

da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

VOL. XXII — FASC. 2

SUMÁRIO:

G. ZBYSZEWSKI, O. DA VEIGA FERREIRA, M. LEITÃO
& C. T. NORTH:

Jazida paleolítica de Mato de Miranda

AGOSTINHO FARINHA ISIDORO:

Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) — V

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

O Minepa e o Malafca fantasmas moçambicanos

AGOSTINHO FARINHA ISIDORO:

Os Sabeler — uma família de pescadores

Vária: — Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo) — Novos elementos (IV) (AGOSTINHO FARINHA ISIDORO) (págs. 159 a 161); Epigrafe romano do Castro de Sabrosa (FERMIN BOUZA BREY) (págs. 161 a 164); Nótulas sobre a Festa dos Reis (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 164 a 168); Centro piloto de estudos de arte, etnografia e história (S. J.) (págs. 169 a 174); Singularidades etnográficas — A Cura da Dada (ALBANO FERREIRA) (págs. 174 a 176).

Revista bibliográfica: — CARLOS ALBERTO FERREIRA DE ALMEIDA (182); JOAQUIM LORENZO FERNANDEZ (183); JOSÉ MANUEL GOMEZ-TABANERA (179 e 181); VERÍSSIMO DE MELO (177).